

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM
REDE NACIONAL
MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

THAIS DE VASCONCELOS BISPO

**(NÃO) PARTICIPAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO
MÉDIO EM SÃO MIGUEL DOS CAMPOS/AL: UMA ANÁLISE A PARTIR DOS
MARCADORES SOCIAIS DA DIFERENÇA**

MACEIÓ/AL

2025

THAIS DE VASCONCELOS BISPO

**(NÃO) PARTICIPAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO
MÉDIO EM SÃO MIGUEL DOS CAMPOS/AL: UMA ANÁLISE A PARTIR DOS
MARCADORES SOCIAIS DA DIFERENÇA**

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado Profissional em Educação Física
em Rede Nacional (PROEF) da
Universidade Federal de Alagoas, como
requisito final para a obtenção do Título de
Mestre em Educação Física.

Área de Concentração: Educação Física
escolar.

Linha de Pesquisa 1: Formação,
intervenção e profissionalidade docente

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Soraya Dayanna
Guimarães Santos

MACEIÓ/AL

2025



Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Helena Cristina Pimentel do Vale CRB4/661

- B662n Bispo, Thais de Vasconcelos.
 (Não) participação nas aulas de educação física no ensino médio em São Miguel dos Campos-AL : uma análise a partir dos marcadores sociais da diferença / Thais de Vasconcelos Bispo. – 2025.
 103 f. : il.
- Orientadora: Dayanna Guimarães Santos.
 Dissertação (mestrado Profissional em Educação Física) – Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Educação Física e Esporte. Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional. Maceió, 2025.
- Bibliografia: f. 76-82.
 Apêndices: f. 83-103.
1. Educação Física escolar. 2. Participação dos estudantes. 3. Ensino médio.
 4. Marcadores sociais de diferença. I. Título.

CDU: 796

THAIS DE VASCONCELOS BISPO

**(NÃO) PARTICIPAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO
MÉDIO EM SÃO MIGUEL DOS CAMPOS/AL: UMA ANÁLISE A PARTIR DOS
MARCADORES SOCIAIS DA DIFERENÇA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) da Universidade Federal de Alagoas, como requisito final para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física.

Área de Concentração: Educação Física Escolar.

Linha de Pesquisa 1: Formação, intervenção e profissionalidade docente

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Soraya Dayanna Guimarães Santos

Data da defesa: 30/05/2025

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente
 SORAYA DAYANNA GUIMARAES SANTOS
Data: 03/07/2025 17:29:20-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Presidente e Orientadora: Prof.^a Dr.^a Soraya Dayanna Guimarães Santos

ProEF/IEFE/UFAL

Documento assinado digitalmente
 VIVIANE NUNES SARMENTO
Data: 04/07/2025 18:33:05-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Membro Titular: Prof.^a Dr.^a Viviane Nunes Sarmento

ProEF/IEFE/UFAL

Documento assinado digitalmente
 DOIARA SILVA DOS SANTOS
Data: 03/07/2025 18:05:29-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Membro Titular: Prof.^a Dr.^a Doiara Silva dos Santos

PPGE/UFV

Local: Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Educação Física e Esportes
IEFE/UFAL – Campus A. C. Simões - Maceió

Dedico este trabalho a todos aqueles que sustentaram o meu processo educacional, em especial ao meu filho Bernardo que me fez querer alçar voos mais altos nas minhas trajetórias discente e docente.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não se construiu apenas com leituras, escrita e prazos apertados (embora eles tenham sido frequentes). Foi também fruto de uma rede de apoio que, direta ou indiretamente, tornou possível a minha permanência e conclusão neste Mestrado.

Agradeço à Deus, por me conceder saúde e força nos momentos em que o caminho parecia mais difícil.

À Universidade Federal de Alagoas, instituição onde iniciei minha formação superior e à qual retorno agora para compor a primeira turma do Mestrado Profissional em Educação Física. Que sorte a minha fazer parte do início de uma história que, espero, seja longa, crítica e comprometida com a realidade dos professores da rede pública.

Aos professores do Mestrado — alguns dos quais reencontrei desde a graduação —, minha admiração pela seriedade, competência e humanidade com que conduzem sua prática docente. Agradeço, especialmente, à minha orientadora Soraya, pela escuta, orientação precisa e paciência.

Aos meus avós, que foram os primeiros a investir em mim — e nem sabiam o tamanho do investimento que estavam fazendo. Aos meus pais, que trabalharam incansavelmente, sem nunca abrir mão de oferecer aos filhos uma educação de qualidade, meu reconhecimento e respeito.

A todos/as que assumiram o cuidado com meu filho sempre que precisei me ausentar para cumprir as demandas do curso, minha sincera gratidão, esse apoio foi determinante.

Ao meu Bernardo, que teve que dividir sua mãe com livros, aulas, reuniões e “textos intermináveis”. Um dia ele entenderá que todo esse esforço também foi por ele.

Aos colegas da escola onde atuo na rede estadual de Alagoas, que sempre demonstraram compreensão, respeito e incentivo ao longo de todo o curso, meu sincero agradecimento. O apoio de vocês foi essencial para que eu conseguisse conciliar trabalho e estudos.

Para quem me indicou o curso, muito obrigada por mostrar esse caminho que tanto contribuiu para minha formação pessoal e profissional. A indicação foi

excelente, mas você esqueceu de mencionar as madrugadas acordado com referências e normas da ABNT. Ainda assim, obrigada.

Às amigas que vibraram com minha aprovação e me incentivaram nos momentos de dúvida: vocês sabem que sou péssima com demonstrações de afeto, mas, sim, fiquei emocionada.

Aos colegas da turma, por compartilharem experiências inspiradoras, angústias, cafés e risadas durante esse percurso. Somos a primeira turma, e isso já nos torna um pouco experimentais — como quase tudo na educação pública —, mas também pioneiros/as, o que é bem mais bonito de dizer na defesa.

A todos que contribuíram para esta trajetória, de forma direta ou indireta, meu agradecimento.

Este trabalho é meu, mas não o fiz só.

BISPO, Thais de Vasconcelos. **(NÃO) PARTICIPAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO EM SÃO MIGUEL DOS CAMPOS/AL: UMA ANÁLISE A PARTIR DOS MARCADORES SOCIAIS DA DIFERENÇA**. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Soraya Dayanna Guimarães Santos. 2025. 103 p. Dissertação. Mestrado Profissional Educação Física em Rede Nacional (PROEF) – Instituto de Educação Física e Esporte, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2025.

RESUMO

O presente estudo pretende compreender como a condição juvenil dos estudantes do Ensino Médio, e os marcadores sociais da diferença e suas intersecções, constituem o processo de (não) participação nas aulas de Educação Física escolar, contribuindo para a ocorrência do fenômeno de evasão. A importância deste estudo é ouvir a voz dos estudantes para compreender os diversos fatores que contribuem para o afastamento nas aulas de Educação Física e suas possíveis relações com os marcadores sociais da diferença, de modo a conhecer as suas histórias, necessidades e vivências. Compreender esses fatores pode contribuir para melhoria da interação e participação dos estudantes nas aulas de Educação Física. Neste estudo utilizamos a pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso. A pesquisa foi desenvolvida em uma escola da rede pública estadual de Alagoas, situada na cidade de São Miguel dos Campos, com 92 estudantes do Ensino Médio. Para a coleta de dados foram utilizados questionários e entrevistas sobre história de vida. As respostas obtidas nos questionários foram tabeladas e analisadas via *Microsoft Office Excel*, já as respostas obtidas através das entrevistas sobre história de vida foram analisadas, agrupadas e categorizadas de acordo com suas características em comum. A maioria dos relatos apontam que a (não) participação dos estudantes está relacionada principalmente a repetição de conteúdos e falta de espaço para que os estudantes contribuam com o planejamento das atividades realizadas. Foi possível identificar que os marcadores sociais da diferença relacionados ao gênero, classe social e idade se interseccionam e contribuem para o afastamento dos estudantes das aulas de Educação Física. Espera-se que esse estudo contribua para a sensibilização de professores/as de Educação Física e promova enriquecimento no planejamento pedagógico e sistematização das aulas, de forma inclusiva e aumentando a participação nas aulas.

Palavras-chave: Educação Física escolar; Marcadores sociais de diferença; Participação.

BISPO, Thais de Vasconcelos. **(NON) PARTICIPATION IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES IN HIGH SCHOOL IN SÃO MIGUEL DOS CAMPOS/AL: AN ANALYSIS BASED ON SOCIAL MARKERS OF DIFFERENCE**. Advisor: Prof. Dr. Soraya Dayanna Guimarães Santos. 2025. 103 p. Dissertation. Master's Degree in Physical Education – National Network Professional Master's Program (PROEF)) – Institute of Physical Education and Sports, Federal University of Alagoas, Maceió, 2025.

ABSTRACT

This study aims to understand how the youth condition of high school students, along with social markers of difference and their intersections, shapes the process of (non) participation in school Physical Education classes, contributing to the occurrence of school disengagement. The importance of this study lies in listening to the students' voices in order to comprehend the various factors that contribute to their detachment from Physical Education classes and their possible relations with social markers of difference, seeking to understand their stories, needs and experiences. Understanding these factors may contribute to improving student interaction and participation in Physical Education classes. This research employed a qualitative approach, specifically a case study. The study was conducted in a public high school in the state of Alagoas, located in the city of São Miguel dos Campos, involving 92 high school students. Data collection was carried out through questionnaires and interviews about life history. The questionnaire responses were tabulated and analyzed using Microsoft Office Excel, while the life history interview data were analyzed, grouped and categorized according to their common characteristics. Most of the accounts indicate that students' (non) participation is mainly related to the repetition of content and the lack of space for students to contribute to activity planning. It was possible to identify that the social markers of difference related to gender, social class and age intersect, contributing to students' distancing from Physical Education classes. It is expected that this study will contribute to raising awareness among Physical Education teachers and promote improvements in pedagogical planning and the systematization of classes in an inclusive way, thereby increasing student participation.

Keywords: School Physical Education; Social markers of difference; Participation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

IMAGEM 1: Resumo das gerações.....	22
IMAGEM 2: Mapa de Alagoas com destaque para localização da cidade São Miguel dos Campos.....	25
GRÁFICO 1: Se as aulas de Educação Física não fossem obrigatórias, você participaria?.....	46
GRÁFICO 2: Você participa das aulas de Educação Física?.....	48
IMAGEM 3: Motivos para não participarem das aulas.....	49
GRÁFICO 3: Justificativa da não participação nas aulas.....	50
IMAGEM 4: Código para identificação dos participantes do questionário.....	51

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EF	Educação Física
EM	Ensino Médio
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
RECAL	Referencial Curricular de Alagoas
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
GEE	Gerência Especial de Educação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
LGBTQIA+	Lésbica, Gay, Bissexual, Travesti/Transgênero, Queer, Intersexual, Assexual, Mais
PCN's	Parâmetros Curriculares Nacionais
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
PPP	Projeto Político Pedagógico
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
SEDUC/AL	Secretaria de Estado da Educação de Alagoas
SAGEAL	Sistema de Gestão do Estado de Alagoas
RALE	Registro de Assentimento Livre e Esclarecido
RCLE	Registro de Consentimento Livre e Esclarecido
TPM	Tensão Pré-Menstrual
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	18
2.1 O que representa a condição juvenil?.....	18
2.1.1 A condição juvenil e as gerações: quem é o jovem estudante do Ensino Médio?.....	20
2.1.2 Quem é o jovem estudante da rede pública de ensino de São Miguel dos Campos/Alagoas?.....	23
2.2 Marcadores Sociais da Diferença.....	27
2.2.1 Marcadores Sociais da Diferença e a interseccionalidade dentro da escola.....	28
2.2.2 Marcadores Sociais da Diferença e a interseccionalidade nas aulas de Educação Física escolar.....	31
3 METODOLOGIA.....	35
3.1 Natureza da pesquisa.....	35
3.2 Tipo da pesquisa.....	35
3.3 Participantes e local da pesquisa.....	36
3.4 Instrumentos da pesquisa.....	39
3.5 Procedimentos para produção de dados.....	40
3.6 Procedimentos de análise de dados.....	42
3.7 Aspectos éticos da pesquisa.....	43
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	45
4.1 Análise dos questionários.....	45
4.2 Análise das entrevistas.....	51
4.2.1 Importância e benefícios da Educação Física.....	53
4.2.2 Satisfação, inclusão e respeito nas aulas - idade/geração, classe social e gênero como categorias de (não) participação nas aulas de Educação Física.....	54
4.2.3 Infraestrutura e diversidade de atividades - A classe social, a corporalidade e a (não) participação de estudantes nas aulas de Educação Física.....	59
4.2.4 Relação com o professor e organização das aulas – Marcador social da diferença idade/geração e sua relação com a (não) participação nas aulas de Educação Física.....	65

5 RECURSO EDUCACIONAL	70
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS.....	76
APÊNDICES.....	83
ANEXOS.....	93

1 INTRODUÇÃO

A evasão escolar é um problema constante que preocupa a todos nas diversas esferas da educação e exige atenção dos estudiosos em parceria com as instituições de ensino buscando a redução desse fenômeno. Um exemplo dessas ações é o Programa Busca Ativa Escolar desenvolvido pelo Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), com parceria da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime) e com apoio do Colegiado Nacional de Gestores Municipais de Assistência Social (Congemas) e do Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde (Conasems), com a finalidade de “apoiar os governos na identificação e acompanhamento de crianças e adolescentes que estão fora da escola ou em risco de evasão” (Busca, 2023).

Na rede pública de ensino brasileira (nas esferas municipais, estaduais e federais) o número de estudantes que se matriculam no início do ano letivo e com o passar dos meses desistem dos estudos é preocupante. Foi verificado no Censo Escolar 2022 um aumento de 1,5% no número de matrículas em toda a Educação Básica em comparação com 2021, esse aumento se deu devido ao aumento da rede privada de ensino.

Além da evasão escolar de forma generalizada, os professores de Educação Física (EF) enfrentam também o fenômeno da não participação dos estudantes das aulas práticas da disciplina:

Esta não participação é vista de três maneiras: a primeira se caracteriza pelo(a) estudante não participar desde o início da aula e a segunda é aquela em que os(a)s estudantes começam participando e em um determinado momento deixa a aula ou vice-versa e por último entram e saem da aula por diversas vezes (Godoi, 2020, p. 27).

As aulas de Educação Física podem trazer boas ou más memórias escolares para algumas pessoas. No caso das minhas vivências em escolas particulares na cidade Penedo/Alagoas, essas aulas sempre foram ambientes de brincadeiras diversas fora da sala de aula, pelo menos até certa parte do Ensino Fundamental. Com a chegada da puberdade e das “vergonhas” que acompanham essa fase da vida, juntamente com a falta de habilidades esportivas, as aulas de Educação Física passaram a ser espaços de constrangimento e exclusão.

Normalmente eu, assim como outras estudantes que não tinham muitas habilidades, não éramos escolhidas para compor os times de vôlei da escola, então

era comum ver uma boa quantidade de meninas e meninos nas arquibancadas ou com uma bolinha brincando sozinhos no canto do ginásio. Apesar de não ser a escolhida, eu sempre gostei de participar das aulas, o motivo da minha não participação ia contra a minha vontade.

Mesmo sendo a estudante que passou por processos de exclusões nas aulas de Educação Física, e sem saber ao certo o porquê de tal escolha, quando chegou a época de fazer vestibular, eu optei pelo curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Alagoas. Ainda sem saber o que aquilo significaria na minha vida, eu terminei minha formação superior em 2011, mas apenas em 2016 iniciei minha jornada como professora de Educação Física na rede pública de ensino.

Logo no início da minha vida como professora percebi que o movimento de não participação nas aulas de Educação Física ainda era algo comum entre os estudantes, e a partir daí comecei a fazer algumas suposições do porquê aqueles jovens não queriam participar das aulas: “Seria minha didática ruim? Vergonha dos estudantes? Falta de habilidades dos estudantes? Falta de material e espaço? Não se identificar com os conteúdos propostos da Educação Física?”.

A partir dessas inquietações eu tentava entendê-los melhor, perguntava o que gostariam de ter nas aulas, como eles gostariam de vivenciar tais conteúdos, realizava intervenções quando percebia que alguns estudantes não eram escolhidos em momentos de formar equipes, mas ainda assim, por vezes não conseguia alcançar uma boa participação dos estudantes.

Diante das tentativas e falhas de superar o problema da não participação dos estudantes nas aulas práticas de Educação Física, surgiu a possibilidade de realizar uma investigação mais aprofundada sobre as possíveis razões desse afastamento através do trabalho de dissertação do Mestrado Profissional.

Darido (2020) afirmou que as razões de afastamento dos estudantes passeiam entre os “aspectos legais que regulam a oferta do componente na escola” (Darido 2020, p. 106), a imposição das aulas de Educação Física no período oposto ao das outras disciplinas e também “à forma como o componente é desenvolvido: a) a repetição dos conteúdos tratados ao longo da Educação Básica; e b) o insucesso e exclusão de uma parte importante dos estudantes das aulas” (Darido, 2020, p. 106).

Em estudo realizado por Corrêa Júnior (2021), com estudantes do Ensino Médio, o autor listou oito possíveis motivos para o afastamento dos estudantes das aulas de Educação Física. O motivo mais votado pelos estudantes entrevistados foi

“não gosto de esportes”. Os estudantes se cansam do conteúdo esporte, da exclusão que ele pode proporcionar, e dessa forma vão se afastando cada vez mais das aulas.

Para entender o fenômeno da evasão escolar na etapa do Ensino Médio (EM) é necessário entender quem são os jovens estudantes da escola pública brasileira, que têm diferentes características sociais, diversidades e universos próprios, formando uma geração única. O Referencial Curricular de Alagoas para Ensino Médio traçou um perfil das juventudes alagoanas, onde consideram os jovens como:

Indivíduos que estão na fase da vida onde as transformações potencializadoras do corpo se confundem inclusive com o aspecto reflexivo sobre as juventudes, e essas transformações não podem ser desconsideradas (Recal, 2021, p.14).

Em Alagoas, foi divulgado no ano de 2024 os resultados parciais da pesquisa DataJovem-AL, que traça o perfil da juventude alagoana, com o objetivo de fornecer dados científicos para o desenvolvimento de políticas públicas para essa população.

O DATAJOVEM-AL é uma pesquisa inédita no Brasil realizada através de uma parceria do Laboratório das Juventudes (LABJUV), grupo de pesquisa sediado no Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas, com as seguintes secretarias de Estado: Secretaria do Esporte, Lazer e Juventude (SELAJ), Secretaria do Estado de Planejamento, Gestão e Patrimônio (SEPLAG) e Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação (SECTI) (BRASIL, 2024).

Tal pesquisa surgiu da necessidade de entender melhor as juventudes em suas diversas esferas de convivência, suas transformações e seus perfis. O painel conta com oito campos de análise: perfil do jovem, identidade e diversidade, trabalho e renda, esporte e lazer, educação, saúde, conectividade e moradia e transporte. Tais informações servem de base para uma melhor compreensão do jovem alagoano e suas condutas sociais.

Apesar de ainda não existirem os resultados completos disponíveis para apreciação do público, estima-se que a pesquisa exponha dados sobre as condições de vida, planos futuros e desafios enfrentados pelos jovens alagoanos. Esses dados podem colaborar para formular políticas públicas próprias para atender a real necessidade das juventudes do estado.

Podemos compreender que o jovem não se resume apenas a uma faixa etária biologicamente definida, mas é também uma construção social e histórica em uma determinada fase da vida, em meio a questões socioeconômicas e culturais, nas sociedades modernas. Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no Ensino Médio, os jovens estão num período de vida marcado por mais autonomia e

maior capacidade de reflexão sobre o mundo, buscando entender melhor sobre sua participação na vida pública e na produção cultural.

Ao ingressar no Ensino Médio o jovem traz consigo todo o seu histórico de vivências sociais, escolares e humanas, repleta de elementos próprios das culturas juvenis, o que também serve como instrumento para caracterizar a condição juvenil do nosso estudante brasileiro. Minayo (2011) trouxe o conceito de socialização primária e secundária que pode ser usado para exemplificar tal histórico. Segundo a autora, a socialização primária é aquela experimentada ainda quando crianças, no seio familiar, já a socialização secundária inclui o acesso aos diversos níveis de educação, porém, ambas estão relacionadas à reprodução de comportamentos relacionados à estrutura socioeconômica, às desigualdades de gêneros e étnicas.

É importante salientar que as condições juvenis daqueles que nascem em famílias com acesso aos privilégios da globalização é diferente daquelas de um jovem periférico com maiores dificuldades de participação até mesmo em seus direitos fundamentais. São esses jovens periféricos, que nas suas diferenças e diversidades, se encontram em nossas escolas.

Para Dayrell (2007), a condição juvenil está relacionada ao modo de ser e à situação de alguém face a vida e a sociedade e as condições necessárias para que se viva tais situações. O autor então considera que existe uma dupla dimensão da condição juvenil.

Refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também à sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia etc. (Dayrell, 2007, v. 28, p. 1108).

Quando falamos dos nossos estudantes da rede pública de ensino, aliada à sua condição juvenil está a pobreza e os desafios cotidianos que interferem nas trajetórias, possibilidades e vivências da sua juventude. Para grande parte dos nossos estudantes, a condição juvenil só pode ser vivenciada se eles dividirem seu tempo de estudos com o tempo de trabalho, assegurando condições financeiras para lazer, consumo, relações sociais e pessoais, dentre outras práticas.

Para Minayo (2011), o conceito de condição juvenil pode ter muitas compreensões:

Uma delas é a que acentua os traços comuns, não obstante as dimensões de espaço, tempo e a pluralidade de condições dos que nasceram em um mesmo período histórico; uma segunda dá ênfase às desigualdades de

classe, de gênero e de cor; e outra ainda ressalta as características e os padrões culturais (Minayo, 2011, p. 19).

Os marcadores sociais da diferença fazem parte das dimensões que compõem e são determinantes para a formação das condições juvenis que estão presentes na vida das juventudes brasileiras. Conforme afirmaram os autores Fonseca (2022) e Silva; Leite (2020), estes marcadores e suas intersecções podem ser classificados como um tipo de estudo que tenta explicar como se formam e se relacionam as desigualdades entre as pessoas.

As relações dos estudantes com a escola vêm se transformando ao longo dos anos. Segundo Dayrell (2007), a escola e os profissionais dizem que o problema se encontra nos estudantes, o individualismo e a irresponsabilidade são algumas características citadas como motivos de desinteresse.

Para os jovens, a escola se mostra distante dos seus interesses, reduzida a um cotidiano enfadonho, com professores que pouco acrescentam à sua formação, tornando-se cada vez mais uma “obrigação” necessária, tendo em vista a necessidade dos diplomas (Dayrell, 2007, p. 2).

Ao refletirmos sobre a diversidade dos jovens que frequentam o Ensino Médio, e suas condições juvenis, iremos analisar como os marcadores sociais da diferença podem ser determinantes na relação de (não) participação de estudantes em aulas de Educação Física, pois foi observada, no local de realização da pesquisa, a ausência dos mesmos sob alegação de não possuírem calçados apropriados ou roupas mais confortáveis para as práticas (mesmo sendo informados que esses itens não eram obrigatórios). Além disso, os estudantes justificam a falta por terem vergonha de participar, vergonha do corpo, falta de habilidades, ou não terem outra farda para trocar após ficarem suados, alguns alegam problemas de saúde e falta de condições financeiras para consultas e atestados médicos atualizados.

Dessa forma partimos do questionamento: Como a condição juvenil, e os marcadores sociais da diferença e suas interseccionalidades, constituem o processo de (não) participação nas aulas de Educação Física dos estudantes do Ensino Médio? Tentando encontrar e/ou confirmar as razões/alegações dos estudantes para não participar das aulas.

Justificamos a importância desse estudo para ouvir a voz dos estudantes e compreender os diversos marcadores sociais de diferenças, e suas possíveis relações, que contribuem para o afastamento nas aulas de Educação Física, de modo a conhecer as suas histórias, necessidades e vivências, os quais podem contribuir

para melhoria da interação e participação no cotidiano das aulas. Para isso foi realizada uma pesquisa qualitativa com aplicação de questionários e entrevistas sobre história de vida com os estudantes de turmas previamente selecionadas. O objetivo principal dessa pesquisa é compreender como a condição juvenil dos estudantes do Ensino Médio, de uma escola regular do Estado de Alagoas, e os marcadores das sociais da diferença e suas interseccionalidades, constituem o processo de (não) participação nas aulas de Educação Física escolar. Para isso, ela será desenvolvida sob a ótica dos seguintes **objetivos específicos**:

- Identificar as possíveis razões para a (não) participação dos estudantes do Ensino Médio nas aulas práticas de Educação Física;
- Compreender e refletir sobre a história de vida dos estudantes considerando os marcadores sociais da diferença e suas relações com a (não) participação nas aulas de Educação Física;
- Identificar os marcadores sociais das diferenças e suas interseccionalidades a fim de verificar sua relação com a (não) participação nas aulas de Educação Física.
- Apresentar uma cartilha do planejamento anual participativo como recurso educacional desenvolvido de acordo com o tema estudado.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura dessa pesquisa foi organizada em duas seções. Na primeira seção dialogamos com autores sobre a temática **condição juvenil** realizando a sua conceitualização. Essa seção foi dividida em duas subseções. Na subseção **2.1.1** relacionamos a condição juvenil com o estudo geracional para compreendermos melhor quem é o estudante do ensino médio, nosso público-alvo da pesquisa. Na subseção **2.1.2** foi realizada a apresentação do perfil dos jovens estudantes que frequentam a escola onde a pesquisa foi desenvolvida.

Na segunda seção fizemos o estudo dos marcadores sociais da diferença, realizando uma breve revisão sistemática sobre o tema e trazendo sua conceitualização de acordo com a literatura. Essa seção foi organizada em duas subseções. Na subseção **2.2.1** realizamos a discussão dos marcadores sociais da diferença e suas interseccionalidades no ambiente escolar. Na subseção **2.2.2** levamos a discussão dos marcadores sociais da diferença e suas interseccionalidades especificamente para as de Educação Física.

2.1 O que representa a condição juvenil?

A juventude é uma etapa da vida humana que se apresenta, inicialmente, como um recorte temporal, ou seja, mais uma das faixas etárias que o ser humano passa para chegar a sua maturidade. Esse intervalo de anos passa por diversas definições ao longo do tempo, e tais definições ainda são exaustivamente estudadas e discutidas. Para Nonato (2013) a juventude é uma fase que antecede a maturidade, o "ser adulto", porém é importante ter atenção que as definições de juventude são na realidade uma construção social e cultural, e com o passar dos anos, tal definição vai ganhando novos contornos. De acordo com a sociologia da juventude, "essa categoria não pode se limitar a uma transitoriedade, pois ela assume significados abrangentes e singulares de uma geração a outra, bem como de um grupo social para outro" (Nonato, 2013, p. 32). A cada mudança de época, as sociedades podem designar diferentes funções, definições e reconhecimentos para as juventudes.

Segundo Bungenstab (2021), para o imaginário social a juventude é apenas um período de transição rumo à vida adulta, porém, existe a vertente que considera a juventude como uma categoria social, histórica e cultural.

Apesar de existirem traços comuns à juventude, tal categoria não pode ser tratada como homogênea, uma vez que as situações vivenciadas pelos jovens não se apresentam da mesma maneira, se distinguindo de acordo com as diferenças de condições sociais, raça, etnia e gênero. É nesse sentido que se fala em juventudes no plural (Melo et al., 2012, p. 85).

Não se pode imaginar que o período da juventude será vivenciado dentro de um quadrado de linhas perfeitamente calculadas, pois as experimentações das juventudes estão relacionadas com os marcadores sociais da diferença que as atravessam – como veremos na próxima sessão – determinando os diferentes modos do ser jovem. O início e o fim dessa etapa da vida não são puramente predeterminados de forma cronológica, mas sim uma etapa de confusa formação dos sujeitos de acordo com as especificidades de como cada vida acontece. “Atravessados por inúmeras experiências espaciais, os jovens (re)definem sua existência a partir de um intenso e complexo conjunto de relações que também efetivam suas subjetividades” (Cassab 2018, p. 14).

Para tentar atender a concepção de pluralidade da juventude, surge o conceito da condição juvenil.

Desenvolvido dentro da Sociologia das Juventudes e diz respeito, entre outros aspectos, às representações e imagens estabelecidas socialmente sobre os jovens. Dela derivam interpretações de como a população jovem experimenta esse ciclo da vida, levando em conta sua vivência, seja a partir da classe social, da etnia, da cor da pele ou do gênero (Silva, 2021, p 344-345).

A condição juvenil surge como um ensaio para juntar a questão da faixa etária com as diversas dimensões socioculturais que perpassam a vida dos jovens. Dayrell (2007) esclareceu o conceito de condição juvenil remetendo-o a duas dimensões, são elas: dimensão histórico-geracional – que significa o modo como a sociedade atribui um significado a faixa etária da juventude –; dimensão situacional – o modo como a condição juvenil é vivenciada de acordo com as diferenças sociais, classe, gênero, etnia e outros marcadores sociais. É importante ressaltar que as dimensões temporais e geográficas tais como: o local onde esses jovens vivem e o ano/época, assim como as culturas juvenis onde estão inseridos, também fazem parte da constituição da condição juvenil.

Tomando como primeira socialização o seio familiar, devemos considerar, como afirmou Silva (2021), que a condição juvenil é vivenciada também pela inserção do jovem na sua segunda socialização, ou seja, ambientes como igreja, escola e trabalho. Esses locais permitem uma introdução do jovem em um outro universo

social, seja para reforçar seus padrões sociais ou apresentá-los à novos. Daí se reforça a ideia do ser jovem como uma construção social e histórica, indo além da faixa etária e condição biológica. “Os jovens tendem a transformar os espaços físicos em espaços sociais, pela produção de estruturas particulares de significados” (Dayrell, 2007, p.1112).

É considerada também uma característica da condição juvenil a relação dos jovens com o viver o agora, o que está posto hoje, pode mudar amanhã. Isso não anula os planos e visões de futuro, mas o presente costuma ser vivido em sua plenitude. Porém, para a realidade de alguns jovens, essa relação com o agora e a condição juvenil tem que ser posta de lado, pois necessitam de um amadurecimento precoce, além de lidar com preocupações características da fase adulta. Situações como problemas na estrutura familiar, condições financeiras deficientes, gestação precoce, dentre outras, precarizam as possíveis experiências que esses jovens ainda poderiam vivenciar e os faz se tornarem adultos precocemente por necessidade do meio.

2.1.1 A condição juvenil e as gerações: quem é o jovem estudante do Ensino Médio?

Ao recordarmos a juventude como construção cultural e social nos afastamos um pouco da identificação dessa fase da vida como sendo o lapso temporal entre a infância e a vida adulta. Apesar da definição de juventude passar por tantos conceitos, cada época e local atribui características únicas a essa etapa, cada juventude vive o seu tempo de acordo com as circunstâncias da época e isso não se limita somente à idade cronológica. A condição juvenil ajuda a localizar qual a posição que o jovem ocupa dentro da sua sociedade e época.

Para Cavalcanti (2018), o conceito de juventude perpassa pelas questões geracionais, e assim como a juventude não pode ser definida somente como uma faixa etária, o pertencimento a uma geração também não deve ser definido somente a partir de referenciais biológicos, é necessário observar as vivências e ocupações históricas-sociais de cada um. As gerações aparecem na história como um fenômeno de continuidade e localização, uma geração transmite para a geração seguinte os conhecimentos sociais e culturais, criando assim uma herança contínua.

As mudanças de estilo de vida e interesses da população geraram alterações na expectativa de vida e nas taxas de natalidade, isso promove um novo equilíbrio

geracional assim como novos conflitos. As gerações passam a conviver contemporaneamente por mais tempo, além disso:

Altera-se, por exemplo, o funcionamento dos mecanismos de ingresso, de permanência e de saída do mercado de trabalho. Aspectos como estes corroboram posições desiguais entre gerações na conquista de bens e de poder, potencializando conflitos e levando à formulação de um novo “contrato” social entre gerações mais velhas e mais novas (Cavalcanti, 2018, p.30).

Partindo do conceito temporal das gerações, podemos dizer que atualmente temos uma sociedade multigeracional com cinco gerações, são elas: Baby Boomer (1945-1964); Geração X (1965-1980); Geração y ou Millennials (1981-1996); Geração Z (1997-2010); Geração Alpha (2010-atual). Os atuais estudantes do Ensino Médio pertencem à geração Z, e os professores estão entre as gerações X, Y e Z.

De acordo com Nascimento et al. (2016), os Baby Boomers foram uma geração marcada pelos movimentos de lutas por direitos civis e no Brasil foram influenciados pelo movimento hippie e a ditadura militar. É uma geração que “cultiva valores trabalhistas como, por exemplo, sucesso, realização, ambição, se opondo ao autoritarismo e a lealdade, além disso, valorizam o bem-estar e a qualidade de vida” (Nascimento et al., 2016, p. 19).

A geração X, se desenvolveu em meio a transformação em relação ao trabalho e principalmente o ingresso feminino no mercado. As pessoas dessa geração entendem que subir numa hierarquia trabalhista está relacionado a muito esforço, além de valorizarem títulos acadêmicos.

A Geração Y ou Millennials “cresceram em contato com as tecnologias de informação e são mais individualistas. Defendem suas opiniões e priorizam o lado pessoal em relação às questões profissionais” (Veloso et al., 2016, p. 92). Essa geração também cresceu exposta às doenças, conheceram o terrorismo como fenômeno mundial e participaram da evolução tecnológica. “A proatividade, a ambição, o otimismo e a valorização do trabalho em equipe são algumas das características desta geração” (Nascimento et al., 2016, p. 19, 20).

A geração Z é composta por adolescentes e jovens adultos que nasceram na era digital e não se impressionam com os avanços tecnológicos. Segundo Soares e Ribeiro (2022) é uma geração acostumada a utilizar várias ferramentas e plataformas tecnológicas ao mesmo tempo, porém não dedicam muita atenção a nenhuma delas por muito tempo, além de terem acesso rápido e fácil a todo tipo de informações sem precisar nem se levantar da cama.

A geração Alpha recebe esse nome por representar a primeira letra do alfabeto grego.

Estes integrantes da geração Alpha tem como característica principal a sua conectividade com o ambiente virtual. Distingue-se das outras gerações pelo fato de crescer com máquinas inteligentes, smartphones, tablets, assistentes de voz, brinquedos conectados à internet, robôs companheiros e tecnologias imersivas que constantemente moldam sua formação cerebral, social e psicológica” (Marques et al., 2021, p. 283).

Imagem 1 – Resumo das gerações

	 BABY BOOMER de 1940 à 1965	 GERAÇÃO X de 1966 à 1978	 GERAÇÃO Y de 1979 à 1994	 GERAÇÃO Z de 1995 à 2010	 GERAÇÃO ALPHA a partir de 2011
Fatos mais influenciadores e marcantes	Fim da II Guerra Mundial	• Movimento hippie • Revolução sexual • Aids • Televisão à cores • Auge do cinema	• Computador, impressora, internet, e-mail, celular • Globalização	• Era 100% Digital • Redes Sociais • Mensagens instantâneas • Teoria de Gênero	• Internet das coisas • Inteligência artificial

Fonte: <https://momentomt.com.br/momento/o-impacto-das-geracoes-na-sociedade-perfis-desafios-e-oportunidades/> (2023)

As gerações dos professores envolvem comportamentos voltados para motivação e otimismo no trabalho, desenvolvimento de habilidades que gerem melhores oportunidades de emprego (Geração X), priorização do lado pessoal em relação às relações profissionais, e maior habilidade com tecnologias, em comparação com as anteriores (Geração Y).

A convivência entre estudantes e professores de diferentes gerações e o modelo escolar ainda ultrapassado em diversas instituições, gera diversos conflitos no ambiente escolar. Como podemos ver no recorte abaixo:

As gerações anteriores eram diferentes, visto que se acostumaram a uma vida mais estável, em que o volume de informações era menor, até mesmo pelo fato de não haver a popularização da internet. Para estas gerações, os recursos para estudos eram mais limitados, se destacavam os meios impressos, televisivos ou radiofônicos, além dos ensinamentos dos professores. Os alunos dessa época não eram tão dinâmicos e “nutridos” de informações e ferramentas da tecnologia digital, o que de certa forma, dava mais tranquilidade para o processo de ensino-aprendizagem que seguia mais focado no material didático disponibilizado pelo professor e na disciplina dos alunos (Camillo; Bezerra; Pinto, 2020, p. 5, 6).

A geração de nativos digitais, como são chamados os nascidos da geração Z, consegue toda a informação que precisam na palma da mão, em seus aparelhos altamente tecnológicos, em uma fração de segundos, e isso reflete diretamente nas suas maneiras de estudar e se portar na escola. Eles têm acesso aos conteúdos de

maneira rápida e a interação com o outro funciona no mesmo ritmo. Sendo assim é necessária uma adequação dos sujeitos professores às realidades nas quais estão inseridos, ensinar estudantes que conseguem por si só acesso ao conhecimento, precisa ser um desafio enfrentado pelos professores da atualidade, quanto maior a resistência às mudanças, maior as dificuldades na profissão.

As tensões existentes dentro da escola ultrapassam a sala de aula e vão além das relações com professores. Segundo Dayrell (2007), para a escola e os profissionais envolvidos, o problema está na forma como a juventude vive atualmente. Para os jovens o problema é que a escola não reflete seus interesses, a exaustiva rotina de estudos diários é cada vez mais vista como uma obrigação somente para alcançar o produto final, um diploma, e esse diploma pode assumir diferentes significados para os jovens de acordo com os seus objetivos e metas de vida. Para Gomes et al. (2020), ainda é predominante nas escolas a falta de currículos que reflitam quem são os jovens que frequentam estas instituições, com a ausência de características como culturas, vivências e saberes desse público dentro do currículo escolar.

Para entendermos o jovem estudante da geração Z é preciso entender seu estilo de vida, suas escolhas, e cultura juvenis. Formular um currículo voltado aos interesses da geração em questão é levar de volta para a escola o interesse desse jovem que tem toda informação e conhecimento na palma da sua mão, através de um aparelho digital, de dentro do seu quarto. Insistir numa escola com seu modelo de currículo pensado para a geração X e/ou Y é algo que pode estar levando ao fracasso educacional moderno.

2.1.2 Quem é o jovem estudante da rede pública de ensino de São Miguel dos Campos/Alagoas?

A escola é um dos locais de segunda socialização que gera maior interação e toma boa parte do tempo de vida dos jovens, sendo considerada por alguns como o local onde se formam para além dos conhecimentos acadêmicos. É relevante ressaltar a importância da escola pública para o jovem de baixa renda, pois torna-se o único meio de acesso à educação dessa população. Segundo dados da Secretaria de Estado da Educação de Alagoas – SEDUC/AL (2024), a rede estadual de ensino de Alagoas possui 307 escolas, nos 102 municípios alagoanos, agrupadas em 13

Gerências Especiais de Educação (GEE). As gerências são responsáveis por garantir a qualidade da educação em cada região do estado, desenvolvendo ações de formação e melhoria de desempenho escolar. Atualmente, a rede estadual possui estudantes matriculados nos Ensinos Fundamental e Médio. Os dados da pesquisa foram coletados numa escola pertencente a 2ª GEE/AL, com sede na cidade de São Miguel dos Campos. Essa gerência acompanha 16 escolas públicas, todas atendendo à etapa do Ensino Médio. Na cidade de São Miguel dos Campos/AL (local da pesquisa) existem oito escolas que atendem a etapa do ensino médio, sendo quatro da rede particular de ensino, uma da rede federal e três escolas pertencentes a rede pública estadual, uma delas funcionava em tempo integral e as demais em tempo parcial. A cidade funciona também como um polo educacional da região Tabuleiro do Sul de Alagoas, concentrando as reuniões e formações da rede estadual de ensino da 2ª GEE/AL e ações do regime de colaboração entre estado e municípios dessa região.

A cidade de São Miguel dos Campos está localizada na região leste do estado de Alagoas, com uma população estimada de 51.990 habitantes, sendo 52,57% do sexo feminino. Desses 51.990 habitantes, 31.342 se declaram pardos, 13.880 brancos e apenas 6.447 se declaram pretos (Fonte: IBGE/2022). Em 18 de junho de 1864, ocorreu sua Emancipação Política, separando-se de Anadia e ganhando o nome de São Miguel dos Campos.

Imagem 2 – Mapa de Alagoas com destaque para localização da cidade São Miguel dos Campos



O município dispõe de vários serviços públicos e de iniciativa privada para o atendimento da população. A cidade possui diversas igrejas católicas e evangélicas. Existem em São Miguel dos Campos redes de ensino privada, municipal, estadual e federal, que atendem a população com ofertas que vão desde o berçário (com as creches) à Educação Superior.

No quadro da cultura popular miguelense, ainda há grupos locais de folguedos, que procuram preservar a cultura da Baiana dos Homens, Pastoril, Coco de Roda e as Taieiras, sendo esta considerada tradicional na cidade. Por ser localizada às margens da BR-101, é bem servida de transportes interestaduais e intermunicipais. Segundo informações do IBGE, o índice de desenvolvimento humano municipal (IDHM - 2010) é 0,623, o que é considerado médio dentro das faixas de desenvolvimento humano.

As principais atividades econômicas da cidade giram em torno da indústria canavieira, extração do calcário e extração do petróleo e gás natural. Existe uma usina de açúcar e álcool, uma fábrica de cimento, e alguns poços de perfuração da Petrobras espalhados na área territorial do município. A oferta de empregos da cidade acontece principalmente nesse ramo de serviços e em cargos oferecidos pelo poder público executivo. Porém, a dinâmica de funcionamento da cidade se modifica de acordo com a sazonalidade do plantio e moagem da cana de açúcar.

Os estudantes da rede pública de São Miguel dos Campos são provenientes de vários níveis sociais e dos mais diversificados ambientes, desde a zona rural a zona urbana. Além disso, por ser uma cidade que possui uma característica de sazonalidade agrícola, possui também diversos estudantes que entram e saem das escolas de acordo com a demanda de trabalho dos seus pais e/ou responsáveis. Porém, conforme pontuou Dayrell (2007) a população majoritária que chega ao ensino público é formada por jovens pobres, e em São Miguel dos Campos isso não é diferente. “O jovem que chega às escolas públicas, na sua diversidade, apresenta características, práticas sociais e um universo simbólico próprio que o diferenciam e muito das gerações anteriores” (Dayrell, 2007, p. 3).

Para os jovens pobres, vivenciar a condição juvenil tem envolvimento em outras dimensões, pois além da juventude, enfrentam também as condições de pobreza. Nesse viés surge a necessidade de trabalhar além de estudar, muitas vezes “para grande parcela de jovens, a condição juvenil só é vivenciada porque trabalham,

garantindo o mínimo de recursos para o lazer, o namoro ou o consumo” (Dayrell, 2007, p. 5).

No ano de 2024, na rede pública de ensino de Alagoas, os estudantes recebiam dois tipos de incentivos financeiros para viabilizar sua permanência na Educação Básica. Um deles é o programa “Cartão Escola 10” viabilizado pelo governo estadual de Alagoas, que tem como objetivo geral combater à evasão escolar, contribuir para a permanência e o sucesso dos estudantes na escola, incentivando a matrícula e a frequência escolar, especialmente entre as famílias em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Os estudantes do Ensino Médio e EJA Médio da rede pública estadual com frequência acima de 90% em sala de aula, recebem uma bolsa permanência mensal de 100 reais, já os estudantes matriculados no Ensino Médio Integral com frequência acima de 90% em sala de aula recebem 150 reais mensais. Para todos os estudantes concluintes do Ensino Médio da rede pública estadual é paga uma bolsa conclusão de 2000 reais.

Já o programa “Pé de Meia”, viabilizado pelo Governo Federal, tem como objetivos: redução das taxas de retenção, abandono e evasão; conclusão escolar; inclusão social pela educação; permanência e estímulo da mobilidade social. Os estudantes de 1ª e 2ª série do EM recebem 200 reais para se matricular e 1800 reais divididos em 9 parcelas (condicionados a frequência de 80% em sala de aula), além de receberem 1000 reais numa poupança em caso de aprovação, que será pago na conclusão dessa etapa de ensino. Além dos repasses já mencionados, os estudantes da 3ª série do EM recebem 200 reais para realizar o Enem e ao final do Ensino Médio recebem os valores que foram depositados em poupança nos anos anteriores. Os dois programas de incentivo financeiro são cumulativos.

Mesmo com a criação de programas que buscam minimizar a pobreza dos estudantes, ainda é muito comum em São Miguel dos Campos, que os jovens deixem de estudar, ou comprometam sua carga horária de estudos para trabalharem. Essa necessidade de trabalhar para vivenciar sua condição juvenil ou até mesmo complementar a renda do lar leva o jovem ao ingresso antecipado no mercado de trabalho, na maioria das vezes em subempregos, de forma precária, acarretando numa queda de rendimento escolar e consequentemente o abandono dos estudos. Essa sequência de vivências acaba perpetuando um ciclo de pobreza na família que não consegue melhorar sua condição social pois o estudo acaba ficando em segundo ou terceiro plano.

2.2 Marcadores Sociais da Diferença

O termo “Marcadores Sociais da Diferença” é um termo relativamente novo nos ramos de pesquisas nacionais. Em uma breve busca em alguns repositórios de artigos acadêmicos, podemos ver que as publicações sobre o tema datam de pouco mais de 15 anos para artigos publicados em língua portuguesa. Na plataforma “*Scielo*”, ao realizar buscas usando o termo “Marcadores Sociais da Diferença”, as primeiras publicações ocorreram no ano de 2006, mesmo ano em que é possível encontrar as primeiras publicações sobre o assunto no Portal de Periódicos da Capes. Já na plataforma “*Lilacs*”, os primeiros artigos falando sobre Marcadores Sociais da Diferença foram submetidos em 2011. Chama a atenção também a quantidade de produções encontradas no portal da Capes, 202 publicações em língua portuguesa em comparação com a plataforma no site “*Lilacs*”, onde foi possível encontrar 52 produções. Já no portal “*Scielo*” apenas 39 artigos publicados em língua portuguesa utilizando o descritor “Marcadores Sociais da Diferença”. Se restringirmos essa busca ao campo escolar, utilizando o termo “Marcadores Sociais da Diferença na Escola” o número de artigos cai para 16 no Portal Capes, e apenas três no “*Lilacs*” e no “*Scielo*”.

Os marcadores sociais da diferença podem ser identificados como o conjunto de fatores (como cor, etnia, nacionalidades, geração, classe social, deficiência, gênero, dentre outros), que surgem da estrutura social opressiva que gera diversos tipos de violências relacionadas principalmente ao gênero, raça e classe social e se impactam diretamente na formação e na vivência dos indivíduos na sociedade.

Os “marcadores” sociais da diferença são como “rótulos” que são postos nas pessoas, dispondo-as em “categorias” geradoras de estereótipos. Essas “classificações” sociais criam hierarquias e legitimam desigualdades, determinando o modo como enxergamos “os outros” e nos “diferenciamos” deles no mundo (Silva, 2020, p. 2).

A forma como os marcadores se relacionam entre si é conhecida como interseccionalidade. Esse termo tenta conceituar a forma como os diversos marcadores coexistem e se inter-relacionam mutuamente na vida de cada indivíduo.

A interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (Collin; Bilge, 2020, p. 16).

Naturalizar as diferenças, ou negar a existência delas é uma forma de contribuir com as práticas de discriminação e exclusão nos mais diversos ramos da sociedade (social, político, educacional, espaços públicos e/ou privados).

Segundo Azevedo e Charlot (2022), as relações sociais no Brasil tem uma história forjada nas relações de poder e hierarquização, enfatizando a negação de direitos aos grupos sociais de afro-brasileiros, indígenas, comunidade de Lésbica, Gay, Bissexual, Travesti/Transgênero, Queer, Intersexual, Assexual, Mais (LGBTQIA+), pessoas com deficiência, pobres e mulheres. A nossa sociedade favorece as mais diversas formas de violência nas interações sociais desde as crianças, independente do ambiente em que estão inseridas.

O convívio escolar se torna um dos ambientes onde as crianças e jovens mais vivenciam as diferenças, pois é lá que passam a maior parte do seu dia, convivendo com diversos tipos de pessoas. É também na escola onde a maioria dessas crianças e jovens têm contato com as primeiras formas de preconceitos e discriminações. Daí a necessidade de um olhar atento dos profissionais envolvidos para identificar como os marcadores sociais da diferença e suas interseccionalidade se comportam no ambiente escolar.

2.2.1 Marcadores Sociais da Diferença e a interseccionalidade dentro da escola

Os marcadores sociais da diferença sempre estiveram presentes na sociedade, diferentes culturas, gêneros, classes sociais, etnias e características físicas diversas sempre fizeram parte dos indivíduos e grupos sociais. “Com a democratização do ensino, os diferentes grupos de indivíduos, até então marginalizados, tiveram acesso à educação, o que fez com que as diferenças se estabelecessem no meio educacional” (Stefane, 2003, p. 21).

Por sermos um país com sua população formada da miscigenação e exploração dos povos, trazemos em nossas raízes um número expressivo de marcadores sociais da diferença que se interseccionam na formação dos indivíduos, apesar deste ser um tema relativamente recente, os movimentos sociais já debatem os marcadores sociais da diferença desde meados dos anos 70, pressionando a sociedade para a compreensão das diversidades na formação humana. Segundo Charlot e Azevedo (2022), a produção acadêmica sobre “diversidade e educação” teve um avanço principalmente após os anos 90, com a publicação dos Parâmetros

Curriculares Nacionais (PCN's). A proposta dos temas transversais e as orientações legais para uma Educação Inclusiva, abriram espaço para uma discussão mais proeminente sobre as diferenças presentes na sociedade e nas escolas.

Apesar da inclusão do tema em documentos orientadores, “a educação brasileira é marcada por desigualdades históricas. Boa parte dos indicadores educacionais disponíveis e de conhecimento público comprova tal afirmativa” (Artes e Unbehaum, 2021, p. 6). Através de informações fornecidas em páginas como a do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) é possível conseguir dados sobre quantidade de matrículas nas escolas e quem são esses estudantes que se matriculam a cada ano (brancos, pretos, pardos, meninas, meninos, qual a renda salarial da residência e etc.), e ainda informações socioeconômicas através dos questionários destinados a esses fins, que são de preenchimento obrigatório em avaliações de larga escala. Isso permite “uma avaliação da situação educacional por diferentes recortes (grupos populacionais, distribuição regional, etapas e níveis, entre muitos outros)” (Artes; Unbehaum, 2021, p. 5).

Cardoso (1996 apud Stefane, 2003, p.35) identificou cinco aspectos que colaboram para o acontecimento das desigualdades no ambiente educacional: I) a construção do currículo – o currículo é construído pensando nos grupos sociais, econômicos e étnicos mais aceitos pela sociedade; II) o processo de avaliação e seleção – avaliações nacionais e provas de seleção padronizadas, partindo do pressuposto que todos estão no mesmo nível; III) a classificação/polarização dos estudantes – os estudantes tendem a se dividir em grupos conforme o desempenho acadêmico; IV) gestão administrativa e organização escolar - o ambiente escolar, a organização dos tempos de aula, projetos educativos e distribuição de docentes sempre são pensados em função da cultura dominante dos estudantes; V) as expectativas dos professores – a percepção inicial do professor molda o seu tratamento com o aluno influenciando seus resultados.

Para minimizar e conscientizar a comunidade escolar sobre situações de exclusão/inclusão e as desigualdades que fazem parte do ambiente educacional, faz-se necessário dar um passo inicial, a realização e fortificação do debate constante sobre presença dos marcadores sociais da diferença dentro do ambiente escolar é um ponto essencial. Porém a mudança principal deve partir do conhecimento constante sobre as diversas formas de desigualdades que estão enraizadas na nossa sociedade. É interessante a compreensão de como os marcadores se interseccionam

dentro do meio escolar, e quais os resultados dessa intersecção no ensino, aprendizagem, socialização, rendimento e demais fatores que demarcam o sucesso escolar do estudante.

Segundo Azevedo e Charlot (2022), a escola deve se configurar como um espaço de desenvolvimento e conscientização, onde é possível experimentar mudanças para melhorar a vida e a sociedade. Além de um estudo de qualidade é preciso que os estudantes sejam acolhidos e que entendam como os preconceitos com as diferenças são construídos historicamente, socialmente e politicamente.

[...] embora a escola, enquanto instituição republicana, poderia e deveria ser um local que minimizasse essas diferenças, o que tem ocorrido é o contrário. Tal paradoxo se explica porque o próprio acesso à educação é influenciado pelas divisões sociais de classe e raça [...] (Martins et al., 2022, p. 6).

A escola com uma perspectiva inclusiva começa a tomar forma de realidade quando compreende que as diferenças são construtos sociais e que “as propostas de currículo elaboradas pelas próprias escolas atentem para a educação entendida como articulação entre humanização, socialização e singularização, como meio para o respeito à diversidade e à diferença” (Azevedo; Charlot, 2022, p. 61).

É no dia a dia escolar que os valores, tradições e percepções culturais são compartilhadas com os estudantes. As instituições devem refletir em seus Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) um currículo significativo para a realidade da sua comunidade escolar. Quanto mais próximo o currículo estiver dos problemas e das realidades sociais, mais se aproxima a teoria e a prática pedagógica das identidades, intolerâncias, preconceitos e discriminações a qual fazem parte da vida dos estudantes. As discriminações e exclusões presentes em muitos currículos escolares fazem parte de um modelo de escola onde os marcadores sociais da diferença são tratados como “algo que existe” mas é pauta “delicada” para ser discutida no ambientes escolar.

O que acontece na realidade da escola em questão? No ano de 2024 houve aproximadamente 1600 estudantes matriculados (entre aqueles que abandonam, concluíram, e se transferiram), nesse número percebemos um universo de individualidades presentes nos estudantes. Através de conversas com os professores, a gestão tenta buscar estratégias de inclusão e acolhimento para as diferenças. Os estudantes também são informados e lembrados durante todo o ano letivo que têm liberdade para buscar os professores, coordenadores e gestores escolares caso se

sintam incomodados e/ou excluídos por condutas de professores, outros estudantes ou demais funcionários da escola.

Apesar do PPP da escola citar ao longo do documento a importância das diferenças, e da construção conjunta do PPP em prol do atendimento às necessidades da comunidade, não se fala especificamente em marcadores sociais da diferença. Em contraposição ao respeito e a diversidade, o PPP menciona algumas passagens em que há a compreensão da formação igualitária/homogeneizadora dos estudantes. Aqui entendemos que tal formação igualitária gera a exclusão daqueles que não se encaixam nos padrões estabelecidos pela escola.

Hoje esta consciência do caráter homogeneizador e monocultural da escola é cada vez mais forte, assim como a consciência da necessidade de romper com esta e construir práticas educativas em que a questão da diferença e do multiculturalismo se façam cada vez mais presentes (Candau, 2011, p. 15).

Para Vera Maria Candau (2011), a diferença é algo inerente às escolas, ela é “constitutiva” do ato de educar, ela existe no chão da escola, mas para que as diferenças sejam tratadas no âmbito escolar elas precisam ser reconhecidas como tal. É necessário compreender, revelar e se aprofundar em estudos sobre os marcadores sociais da diferença para que possam ser trabalhadas ações em cima do seu reconhecimento e de tudo aquilo que significa as desigualdades e diferenças na formação da sociedade. Quando tentamos usar o discurso que todos são iguais, estamos apagando as histórias, culturas e diferenças de cada estudante. Também é necessário provocar nos estudantes um reconhecimento das suas identidades – “o que o faz diferente dos outros?” – assim, eles podem buscar seu reconhecimento e grupos de apoio que compartilhem das suas características, círculos sociais, interações e de suas vivências.

2.2.2 Marcadores Sociais da Diferença e a interseccionalidade nas aulas de Educação Física escolar

As aulas de Educação Física são historicamente consideradas e vivenciadas como espaços de inclusão/exclusão. Em um passado não tão distante, as aulas eram organizadas separando meninos e meninas, e as modalidades esportivas trabalhadas eram definidas pelo sexo dos estudantes. Mesmo sendo uma prática criticada por estudiosos e profissionais da área, ainda existem atualmente professores que seguem esse modelo de aula. Houve um período em que as aulas de Educação Física também

tinham como objetivo primário a formação de futuros atletas para representar o país em competições esportivas, assim, se destacavam aqueles que tinham mais habilidades.

Legalmente não existe um documento que obrigue os professores a realizarem aulas mistas, porém os PCN's destinados à Educação Física e os PCN's sobre Temas Transversais possui "indicações de que as aulas de Educação Física aconteçam de forma mista, buscando-se com esse recurso trabalhar questões de gênero e educar para o respeito às diferenças e para a desconstrução de preconceitos" (Dorneles, 2009, p. 144). Existem professores que ainda optam por ministrar aulas separando os estudantes pelo sexo, segregando os estudantes e as modalidades propostas em aula e gerando diferentes oportunidades de aprendizados para grupos distintos. Assim como o sexo, diversos outros fatores e seus cruzamentos constituem a participação dos estudantes nas aulas de Educação Física.

Por exemplo, racismo e sexismo podem interagir produzindo exclusões específicas, de modo que os preconceitos e as interdições que uma mulher negra enfrenta para integração ao esporte são distintos do que um homem negro vivencia (Martins et al., 2022, p. 2).

Esses cruzamentos são as intersecções dos marcadores sociais da diferença que podem constituir diretamente a participação dos estudantes nas aulas de Educação Física, pois, alguns docentes ainda não conseguem pensar suas aulas de forma a atender as diferenças encontradas em seus estudantes.

Desde a última década do século passado, os assim chamados estudos curriculares vêm denunciando o quanto os currículos escolares atuam na homogeneização dos sujeitos. A disseminação de determinados discursos e a adoção de certas práticas pedagógicas parecem negar o caráter multicultural da sociedade e do público estudantil em prol de uma maneira particular de conceber as coisas do mundo (Neira, 2020, p. 40).

São as relações de poder que estabelecem aquilo que é "mais" ou "menos" importante dentro do currículo escolar, gerando uma hierarquia nos conteúdos e, consequentemente, na identificação que os estudantes possuem com o currículo. "Importa apontar que esses grupos sociais não são inferiores, são inferiorizados; não são subalternos, são subalternizados por pensamentos, políticas e ações eugênicas. Além disso, muitas vezes não são minorias, mas são minorizadas" (Fonseca; Brito, 2022, p. 73).

É possível apresentar para os estudantes, dentro das aulas de Educação Física, as diferenças sociais tematizadas dentro das práticas corporais buscando reduzir as situações em que os marcadores sociais da diferença se tornam fatores de

exclusão nas aulas. O docente consegue identificar em seu grupo falas e atitudes tomadas por alguns estudantes que “menosprezam ou diminuem as brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas realizadas pelos grupos minoritários e seus representantes” (Neira, 2020, p. 40). Ao professor de Educação Física, cabe criar um sistema de desmonte em suas turmas. É necessário compreender que os marcadores sociais da diferença estão relacionados a situações de exclusão e afastamento de estudantes das suas aulas e redirecionar as práticas corporais e seus planejamentos para as representações dos diversos grupos que ali estão.

Os marcadores sociais da diferença podem se caracterizar como formas de representação das diversas práticas corporais, e através da problematização dos discursos é possível proporcionar aos jovens a vivência das diversas manifestações da cultura corporal, abordando situações de gênero, classe social, etnia, raça e sexualidade que compõem essas manifestações.

Quando o docente busca meios de incluir os representantes de diversos grupos sociais em suas aulas, através das várias manifestações de práticas corporais, aqueles estudantes que se sentem excluídos podem começar a se enxergar como fazendo parte da constituição do planejamento escolar. O estudante pode se sentir visto e percebido, sentir-se mais importante e entender que a sua diferença também está presente e tem valor dentro da sociedade.

Ao trazermos esses princípios para articulação com a noção de inclusão que defendemos, faz-se mister reconfigurar a escola tradicional oxigenada por essas discussões contemporâneas, com um evidente posicionamento democrático pela diferença ao perceber o outro e a afirmação de seus direitos, mas, sobretudo reconhecer a processualidade dialética das relações entre inclusão e exclusão (Fonseca; Brito, 2022, p. 75).

Pensar numa Educação Física escolar inclusiva envolve também a compreensão do que vem a ser a inclusão, não pensar somente em uma atividade específica que possa envolver aquele estudante que se ausenta das aulas, mas buscar a participação plena dos estudantes levando-se em conta as suas particularidades e necessidades específicas. Trazer em seu planejamento a “diversificação de conteúdos como potencial estratégia pedagógica inclusiva, não só abordando e valorizando todos os elementos da cultura corporal, mas também suas inúmeras variações [...]” (Fonseca; Brito, 2022, p.78). Cabe também pensar num planejamento participativo entre professores e estudantes, para compreender os anseios e necessidades daqueles que frequentaram e frequentarão as aulas e realizar

atividades que estejam mais próximas da realidade e do interesse dos estudantes envolvidos no processo.

3 METODOLOGIA

3.1 Natureza da pesquisa

Nesse estudo utilizamos a pesquisa qualitativa. Através do método qualitativo conseguimos esclarecer o porquê das coisas, pois existe uma atenção especial “com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (Silveira; Córdova, 2009, p. 33).

Segundo Minayo (2001), nesse tipo de pesquisa é possível responder questões muito singulares, estudando:

O universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 2001, p.21-22).

Para Flick (2009) a velocidade das mudanças sociais e diversificação dos meios de vida fazem com que surjam novos contextos e perspectivas sociais. Para estudar essas diversidades é necessário utilizar estratégias indutivas partindo de “conceitos sensibilizantes para a abordagem dos contextos sociais a serem estudados” (Flick, 2009, p. 21).

Através da pesquisa qualitativa podemos estudar de modo aprofundado os significados das relações estabelecidas entre a diversidade humana, desigualdade social e condições juvenis.

Esse tipo de pesquisa não se baseia em um conteúdo teórico e metodológico unificado. Diversas abordagens teóricas e seus métodos caracterizam as discussões e a prática da pesquisa (Flick, 2009, p. 25).

Segundo Yin (2016), a pesquisa qualitativa envolve as condições sociais, institucionais e ambientais onde as pessoas estão inseridas e vivendo suas vidas, e essas condições estão relacionadas aos eventos humanos. Dessa forma, para entender como os marcadores sociais da diferença e suas intersecções interferem no processo de (não) participação nas aulas de Educação Física, esse método se qualifica como o ideal.

3.2 Tipo de pesquisa

O tipo de pesquisa foi um estudo de caso. Segundo Gil (2002) nesse tipo de pesquisa é possível realizar um estudo aprofundado de poucos objetos, permitindo um amplo e detalhado conhecimento da situação. O estudo de caso pode ser organizado em torno de questionamentos a ser investigado, ao realizá-lo será possível identificar os fatores que influenciam os problemas pesquisados, proporcionando uma visão plena dos mesmos.

De acordo com Gil (2002), esse tipo de pesquisa “É encarado como o mais adequado para a investigação de um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto real, onde os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente percebidos” (Gil, 2002, p.54). Através do estudo de caso é possível realizar uma análise detalhada de atividades e/ou processos relacionados com os indivíduos.

[...] evidenciam-se as vantagens dos estudos de caso: estimulam novas descobertas, em função da flexibilidade do seu planejamento; enfatizam a multiplicidade de dimensões de um problema, focalizando-o como um todo e apresentam simplicidade nos procedimentos, além de permitir uma análise em profundidade dos processos e das relações entre eles (Ventura, 2007, p. 386).

Para Yin (2001), como os limites não estão claramente definidos, outras características técnicas tornam-se importantes, como a coleta e a análise de dados. Sendo assim, o estudo de caso pode abranger diversos pontos de investigação, contemplando os diversos marcadores sociais da diferença e suas intersecções.

3.3 Participantes e local da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida em uma escola da rede pública de ensino do estado de Alagoas, localizada na cidade de São Miguel dos Campos.

A escola pertencia a 2ª GEE/AL, tal escola foi escolhida por ser o local de atuação da pesquisadora. A SEDUC-AL era subdividida em 13 GEE's, a 2ª GEE, com sede também no município de São Miguel dos Campos, era responsável por acompanhar as atividades de 15 escolas estaduais pertencentes a dez municípios diferentes. A escola funcionava nos três turnos e ofertava as modalidades de Ensino Médio Regular e Educação de Jovens e Adultos (EJA) Modular. No ano de 2024 a escola contava com 448 estudantes matriculados na 1ª série do EM Regular, 329 na 2ª série e 267 na 3ª série. Na EJA Modular tinha-se aproximadamente 500 estudantes matriculados, esses dados foram obtidos através do Sistema de Gestão do Estado de Alagoas (Sageal, 2024). Conforme caracterizado na sessão 2.1.2 do PPP da escola,

o corpo discente é composto de vários níveis sociais e dos mais diversificados ambientes. São atendidos estudantes da zona rural e zona urbana, com condições socioeconômica e cultural bastante variadas.

A escola possuía quadra poliesportiva equipada com traves, tabelas de basquete e postes para rede de vôlei. É isolada por alambrados e possuía arquibancada dos dois lados, em uma das extremidades da quadra tinha dois vestiários com cabine de banho e duas cabines sanitárias, além de balcão com pias e espelho na parede. O espaço possuía também uma sala onde eram guardados os materiais, o bebedouro instalado na região da quadra estava quebrado no tempo da pesquisa. A escola disponibilizava para os professores bolas de basquete, handebol, futsal e vôlei (aproximadamente seis de cada), tatames, cordas, colchonetes, cones, bambolês (em quantidade suficiente para atender turmas de 30 estudantes), balanças, fita métricas e coletes para divisão de equipes.

As atividades pedagógicas eram divididas em uma aula teórica (sala de aula) e uma prática (fora da sala de aula) semanalmente. Dessa forma era possível organizar o uso do espaço da quadra entre os professores da escola, porém não era descartada a possibilidade de realizar aulas práticas em outros espaços. O espaço era limpo diariamente, bem arejado e possuía diversos refletores, deixando o local bem iluminado. O espaço era compartilhado com a escola vizinha, que tinha um dia e meio na semana disponibilizado para o seu uso.

A escola possuía cinco professores de Educação Física distribuídos nas 26 turmas do Ensino Médio regular e quatro turmas da EJA. Uma das professoras possuía licenciatura plena em Educação Física além de possuir uma escola de Ballet na cidade, e ser formada em Nutrição Ela pertencia ao quadro efetivo do estado há oito anos, costumava levar para suas turmas aulas dinâmicas com variedade de conteúdos, normalmente era elogiada pelos estudantes. Outro professor, pertencia ao quadro efetivo há aproximadamente dois anos e lecionava na escola para completar sua carga horária, apesar de possuir poucas turmas estava sempre disposto a propor atividades externas e diversificadas, envolvendo na maioria das vezes o conteúdo de práticas corporais de aventura.

Um terceiro professor trabalhava em regime de permuta, é concursado no município, mas prestava serviço ao estado de Alagoas. Ele faz parte do quadro da escola há muitos anos e foi figura indispensável na luta pela construção da quadra. Uma outra professora pertencia ao quadro de efetivos há muitos anos e já passou por

diversas posições (gestão, coordenação, articulação de ensino e professora) em várias escolas da rede estadual e municipal, havia retornado para a sala de aula há aproximadamente dois anos.

A professora pesquisadora também fazia parte do quadro de professores efetivos da escola há oito anos. Desses, ele esteve por seis anos atuando na coordenação pedagógica e voltou para a sala de aula no ano de 2023, ao iniciar o curso de Mestrado Profissional em Educação Física.

O PPP da escola foi construído de forma colaborativa. Para a versão atual do documento, foram espalhadas urnas pela escola para que os diversos segmentos pudessem dar sugestões e colaborações para a construção do documento. No PPP encontramos menções aos documentos oficiais como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Constituição Brasileira, Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), BNCC, RecaL, dentre outros, para justificar a construção conjunta do PPP, articulando toda comunidade escolar nos seus diversos segmentos (pais/responsáveis, professores, estudantes, servidores diversos, comunidade). Acredita-se que isso resulte num PPP que reflita a necessidade do público atendido pela escola em questão.

O PPP também prevê o atendimento aos estudantes com necessidades educacionais especiais através de profissional especializado e sala de recursos próprios para o desenvolvimento integral desse público específico. Dentro dos princípios da unidade escolar, são citados o respeito, a diversidade e a igualdade.

Fizeram parte da pesquisa os estudantes matriculados no Ensino Médio Regular, com idade entre 14 e 21 anos, pertencentes a quatro turmas, sendo duas da 1ª série (uma do turno matutino e outra do turno vespertino) e duas da 3ª série (uma do turno matutino e outra do turno vespertino), o que totalizou 92 estudantes. Os estudantes da 1ª série foram selecionados por estarem entrando no Ensino Médio e na rede estadual de ensino, um novo universo com oferta de aulas e disciplinas diferentes do Ensino Fundamental (ofertado somente pela rede municipal de ensino nessa cidade). É interessante entender a visão que esses estudantes têm sobre a disciplina Educação Física quando chegam à etapa do Ensino Médio. Os estudantes da 3ª série foram selecionados, pois, em anos anteriores a escola não possuía espaço para realização de aulas práticas, prejudicando a vivência desses estudantes nesses momentos de aulas. Foram escolhidas duas turmas de cada turno para analisar

possíveis diferenças nas motivações para participação nas aulas de Educação Física de acordo com o horário que os estudantes frequentam as aulas.

Foram criados critérios de inclusão e exclusão para a participação nesta pesquisa.

- **Critérios de Inclusão:** Estarem devidamente matriculados em turmas de 1ª e 3ª série do Ensino Médio; concordar em participar da produção de dados preenchendo corretamente o documento Registro de Assentimento Livre e Esclarecido – RALE (em anexo); apresentar Registro de Consentimento Livre e Esclarecido – RCLE (em anexo) devidamente assinado pelo responsável legal; responder a todas as perguntas do questionário.
- **Critérios de Exclusão:** Estar matriculado em turmas da 2ª série; não concordar em participar da pesquisa e/ou preencher incorretamente os documentos RALE e RCLE; responder o questionário de forma incompleta.

3.4 Instrumentos da pesquisa

Foram utilizados como instrumentos para produção de dados o questionário (em apêndice) e a entrevista sobre história de vida (em apêndice). O questionário foi escolhido para ser o instrumento inicial, pois através dele é possível analisar diversos aspectos da realidade. Segundo Pereira et. al (2018), esse instrumento possibilita alcançar muitos participantes, garantindo o anonimato deles, e sem influências do entrevistador.

Primeiramente foi aplicado um questionário-piloto a uma pequena amostra de 10 estudantes que não pertenciam ao grupo de estudantes das turmas participantes, com o objetivo de avaliar e testar a consistência do instrumento utilizado. Ao final do questionário havia um campo para apontar sugestões de mudanças e de opiniões sobre o instrumento. O questionário foi bem recebido pelo grupo-teste e apenas o termo “Educação Física escolar” foi substituído por “Educação Física”, todo restante foi mantido para a versão final aplicada na população pesquisada.

Segundo Gil (1999), o questionário traduz os objetivos da pesquisa em um conjunto de questões específicas e através dessas questões é possível traçar um perfil da população pesquisada. O questionário utilizado neste estudo, teve como objetivo central os motivos da (não) participação de estudantes nas aulas práticas de Educação Física. O documento foi estruturado em quatro seções: identificação e

caracterização do participante, assiduidade e participação nas aulas de Educação Física, associação de palavras com o termo “Educação Física” e demonstração de interesse em participar da fase de entrevistas. O questionário continha sete perguntas. Esse instrumento tratou-se de uma adaptação dos questionários utilizados por Oliveira (2011) e Ferreira, Graebner e Matias (2014) em seus trabalhos de pesquisa com estudantes do Ensino Médio.

Utilizamos também a entrevista sobre história de vida. A história de vida é um método que faz parte de um campo mais amplo da pesquisa qualitativa:

Ela recobre narrativas e relatos - sobre um fenômeno, um acontecimento ou um período de tempo -, colhidos por meio de estudo documental, depoimentos e entrevistas (gravadas em áudio e/ou vídeo) as quais podem ser trabalhadas por meio de diversos procedimentos e técnicas (Silva; Barros, 2010, p. 69).

A entrevista sobre história de vida continha 13 perguntas e seu objetivo era entender melhor a relação dos estudantes com as aulas de Educação Física, além de conhecer suas memórias sobre a vivência dessa disciplina em sua vida escolar pregressa e de que forma as desigualdades e as classes sociais possam ter interferido nas suas vivências dessas aulas.

3.5 Procedimentos para produção dos dados

Inicialmente foi enviado para a escola um termo de concordância para realização da pesquisa (em apêndice). Após a concordância das instituições, acessamos a lista dos estudantes de cada turma selecionada através do sistema *online* da rede estadual de ensino (SAGEAL) por meio de *login* e senha, visto que a pesquisadora deste estudo era professora na escola que foi estudada. Após o acesso, convidamos presencialmente, os estudantes das turmas selecionadas para que os mesmos participassem do estudo de forma presencial. Aqueles que concordaram em participar da pesquisa, receberam de forma física o RCLE, que foi lido, preenchido e assinado pelo responsável legal do estudante e o RALE que foi lido, preenchido e assinado pelo estudante. Todas as etapas de produção de dados foram realizadas pela pesquisadora.

Os estudantes que devolveram o RCLE e o RALE devidamente preenchidos e assinados, foram convidados presencialmente para responder ao questionário, em data previamente agendada, realizada no turno de aula que o estudante frequentava.

O questionário foi aplicado na sala de informática, pois nesse espaço os estudantes possuíam acesso a rede *wireless* da escola. Foi exposto em uma *SmartTV* um *Qr-code* e através dele os estudantes foram direcionados para a plataforma *GoogleForms* onde responderam ao questionário digital. Ao final dos questionários havia um campo para que o estudante pudesse assinalar indicando seu interesse em participar da etapa de entrevistas sobre história de vida, caso fosse selecionado. Essa etapa levou entre 20 e 40 minutos. Após o preenchimento do questionário, os estudantes foram liberados.

A partir da análise dos questionários, foram selecionados dois estudantes de cada turma para realizarem as entrevistas sobre história de vida. As entrevistas tiveram como objetivo investigar a história de vida dos estudantes e suas relações com a (não) participação nas aulas de Educação Física, pois “as histórias de vida podem possibilitar a abertura de novas interpretações e elaborações do vivido” (Nogueira *et al*, 2017, p, 469).

A seleção para as entrevistas sobre história de vida ocorreu dentre aqueles que responderam negativamente à pergunta dois e três do questionário e que confirmaram interesse em participar desta etapa da pesquisa. O questionário serviu como um guia para chegar à compreensão dos motivos da não participação nas aulas de Educação Física.

Os estudantes selecionados foram convidados de forma presencial para participar da entrevista sobre história de vida que foi realizada em uma sala isolada da escola, em um ambiente livre de interferências externas, para garantir o mesmo ambiente a todos os entrevistados. Essas entrevistas sobre história de vida aconteceram de forma individual e pré-agendada, no mesmo turno das aulas, evitando assim o deslocamento do estudante em outro momento.

A duração das entrevistas durou aproximadamente 20 minutos. Diante da convocação, o estudante foi informado que haveria captura de áudio das entrevistas através de aparelhos de *smartphone* e *notebook*. O roteiro das entrevistas sobre história de vida contou com uma sequência de perguntas semiestruturadas e que puderam ser complementadas ao longo do processo, a partir do conteúdo abordado pelo entrevistado, mas sem perder de vista o objetivo da pesquisa, respeitando os limites dos colaboradores, prezando pelo bem-estar dos mesmos durante todo o período de realização das entrevistas.

Posteriormente as entrevistas sobre história de vida passaram pelo processo de transcrição literal e foram devolvidas aos estudantes que, após leitura, autorizaram o uso da transcrição e da análise dos dados.

3.6 Procedimentos de análise dos dados

Nessa pesquisa foram realizadas duas análises de dados. Primeiramente a análise dos dados obtidos através do questionário. Esse instrumento foi aplicado através da plataforma *GoogleForms*, a própria plataforma gera uma planilha no formato da ferramenta *Microsoft Office Excel* contendo todos os dados obtidos nas respostas dos participantes. Através dessa planilha foram criados gráficos e realizada a análise de dados dos questionários. Para essa etapa, utilizou-se a análise descritiva quantitativa, que, conforme Gil (2019), tem por objetivo organizar, sintetizar e apresentar os dados de forma clara, por meio de tabelas, gráficos e medidas estatísticas simples, permitindo uma visão geral das características do grupo investigado. De acordo com Lakatos e Marconi (2017), essa análise busca descrever comportamentos e tendências sem, contudo, estabelecer relações de causa e efeito.

Esse instrumento possuía uma última pergunta (com resposta optativa) onde os participantes poderiam deixar sugestões sobre o tema “participação nas aulas de Educação Física”. As respostas dessa pergunta passaram por outro processo de análise de dados.

No segundo momento foi realizada a análise qualitativa dos dados obtidos nas entrevistas sobre história de vida. Essas entrevistas foram transcritas através do aplicativo *TurboScribe.ai*. As transcrições passaram pelo processo de leitura e conferência para garantir a fidelidade das informações. Essas informações foram analisadas através da Análise do Conteúdo à luz dos pressupostos de Bardin, que define esse procedimento como “um conjunto de técnicas de análises das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (Bardin, 2011, p. 44).

A análise foi organizada em três fases, a primeira foi a pré-análise, que envolve a exploração do material e tratamento dos resultados (inferência e interpretação). De acordo com Bardin, a pré-análise é a fase da organização inicial e geralmente possui três momentos: “a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que

fundamentem a interpretação final” (Bardin, 2011, p. 125). É preciso salientar que esses momentos não são uma ordem cronológica da pré-análise, eles estão relacionados e são dependentes entre si, mas não necessitam acontecer exatamente na ordem citada.

Sendo assim, durante a pré-análise foi realizada a leitura flutuante das transcrições das entrevistas sobre história de vida, assim como das respostas obtidas na última pergunta do questionário, então foram selecionados os documentos e trechos que estariam relacionados ao objetivo da pesquisa e a forma que elas seriam organizadas para atender a explicitação desses resultados.

A exploração do material se refere a segunda fase, que é a análise propriamente dita, onde devem ser aplicadas as decisões que foram traçadas nos procedimentos da pré-análise. Nessa fase todo material foi exaustivamente lido e organizado em categorias. Com a ajuda do *design de prompt*¹, foram propostas categorias iniciais, de acordo com o objetivo da pesquisa, que posteriormente passaram por um processo de agrupamento dos dados obtidos, de acordo com suas semelhanças, em quatro categorias finais, foram elas: Importância e benefícios da Educação Física; Satisfação, inclusão e respeito nas aulas; Infraestrutura e diversidade de atividades; Relação com o professor e organização das aulas. Em cada categoria foi listada a frequência que ela se repetiu e as unidades de análise que foram ali agrupadas.

Ainda segundo Bardin (2011) na terceira fase é onde os resultados obtidos na análise são tratados de modo a adquirirem significado e validade, através desse processo é possível “propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos” (Bardin, 2011, p. 131). Sendo assim os dados categorizados e interpretados foram relacionados a literatura da área gerando uma discussão atual entre o tema proposto em cada categoria e os estudos pertinentes na área.

3.7 Aspectos éticos da pesquisa

¹ O *design de prompt* refere-se à elaboração estratégica de comandos textuais direcionados a assistentes virtuais baseados em inteligência artificial generativa, com o intuito de orientar, organizar e potencializar a geração de respostas coerentes e alinhadas aos objetivos da pesquisa. Neste estudo, utilizou-se o assistente virtual ChatGPT (OpenAI, 2024) como ferramenta auxiliar no processo de categorização inicial dos dados, mantendo-se a mediação crítica e interventiva da pesquisadora em todas as etapas de análise.

O presente estudo faz parte da pesquisa Desigualdade social e humana nas aulas de Educação Física, submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas e cadastrado na Plataforma Brasil sob o nº 77218423.0.0000.5013, cujo parecer de aprovação é de nº 6.947.310 (em anexo). A participação dos estudantes se deu mediante sua assinatura do RALE, bem como do RCLE (assinado pelos responsáveis).

Para preservar a identidade dos estudantes envolvidos foram atribuídos códigos (para os registros de respostas relativos aos questionários) e nomes fictícios para identificar trechos relativos às entrevistas sobre história de vida conforme consta na sessão quatro.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta sessão, os resultados foram organizados em duas partes. Na primeira parte foi realizada a análise e discussão dos dados obtidos na etapa de aplicação dos questionários, na segunda parte foi realizada a análise e discussão dos dados obtidos na última pergunta do questionário e na etapa das entrevistas sobre história de vida, que foram divididos em quatro categorias de análise intituladas: Importância e benefícios da Educação Física; Satisfação, inclusão e respeito nas aulas; Infraestrutura e diversidade de atividades; Relação com o professor e organização das aulas.

4.1 Análise dos questionários

Foi aplicado um questionário online, através da plataforma *Googleforms*, com 11 perguntas para quatro turmas, duas de 1ª série e duas de 3ª série do EM regular. O objetivo primário do questionário era identificar quais estudantes não frequentavam as aulas de Educação Física ou não achavam que elas deveriam ser obrigatórias. Dentre as perguntas do questionário, uma delas deixava o espaço em aberto para que os estudantes pudessem expor o que achavam dessas aulas de Educação Física no formato que aconteciam no ano de 2024.

De acordo com as respostas dos questionários foram selecionados quatro estudantes para participar da fase de entrevistas, sendo dois da 1ª série (um do turno matutino e um do turno vespertino) e dois estudantes da 3ª série (sendo também um do matutino e um do vespertino).

Através dos questionários conseguimos identificar que a maioria dos estudantes participantes, se encontrava dentro da faixa etária esperada para as séries que frequentam, havendo uma distorção idade-série de 7,3% em relação à amostra total. Segundo o Panorama da Distorção Idade-Série no Brasil (2018) organizado pela UNICEF, os estudantes devem ingressar no Ensino Médio com 15 anos e terminar essa etapa de ensino com até 18 anos. No ano de 2023, Alagoas apresentou uma distorção idade-série de 26,5% entre os estudantes do Ensino Médio da rede pública estadual de ensino.

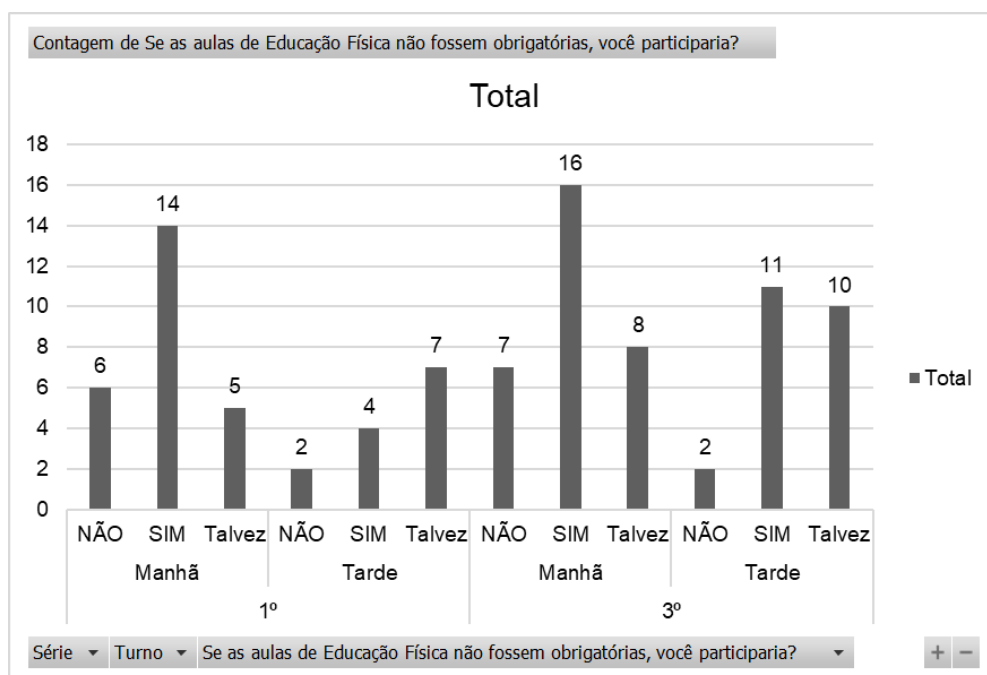
Do total de 92 questionários válidos respondidos, 90% dos estudantes consideram importante ter aulas de Educação Física no Ensino Médio, esse achado

corroborar com um estudo realizado por Brandolin et al. (2015), com estudantes de Ensino Médio, onde 76,8% da amostra indicou que considera a Educação Física uma disciplina tão importante quanto qualquer outra, “curiosamente a Educação Física aparece como a terceira disciplina mais importante no Ensino Médio, com 10,5%” (Brandolin et al., 2015, p. 605). Os estudantes analisados por Oliveira (2011) apontaram algumas justificativas para haver aulas de Educação Física na escola, e a partir daí o autor traçou duas perspectivas diferentes:

(i) a que reconhece a Educação Física como detentora de uma dimensão epistêmica e saberes específicos, em especial os ligados ao esporte (aprender sobre esportes e lutas; aprender a praticar esportes), mas também saberes envolvidos nas relações sociais; (ii) e aquela que se refere aos benefícios que a Educação Física pode proporcionar (saúde, bem-estar, lazer e socialização) (Oliveira, 2011, p. 54).

No gráfico abaixo os estudantes da pesquisa responderam o que acham sobre a obrigatoriedade das aulas de Educação Física, 18,4% assinalaram “NÃO” e 32,6% assinalaram “TALVEZ” quando perguntados “Se as aulas não fossem obrigatórias, você participaria?”. Essa foi uma das perguntas que serviu como base para selecionar aqueles que participaram da fase de entrevistas sobre história de vida.

Gráfico 1 – Se as aulas de Educação Física não fossem obrigatórias, você participaria?



Fonte: Elaboração própria (2024)

Em estudo realizado por Oliveira (2011), quando questionados se os estudantes participariam das aulas se essas não fossem obrigatórias, 10,3% responderam negativamente e 21,8% não souberam responder, esses estudantes justificaram suas escolhas afirmando que “o conteúdo e a ‘disposição do dia’ seriam os determinantes para a participação, ou não, nas aulas” (Oliveira, 2011 p.64). Ainda no mesmo estudo, Oliveira apresentou o dado que 93,6% dos estudantes afirmaram que a Educação Física deve permanecer no currículo escolar. Com a reestruturação do novo Ensino Médio, alguns estados reduziram a carga horária da disciplina. Silva e Silva (2021) questionaram a opinião de um grupo de adolescentes em relação a retirada da disciplina da matriz do Ensino Médio:

Encontramos uma elevada prevalência de adolescentes (91,9%) que discordam do modelo de reforma proposto pelo Ministério da Educação (Lei 13.415, de 16/02/17) que institui mudanças na oferta e organização do Ensino Médio no país (Silva; Silva, 2021, p. 115).

Quando perguntados se já deixaram de participar das aulas de Educação Física em qualquer momento da vida escolar, 42% responderam que “SIM”. Alguns autores (Nunes, 2014; Silva; Silva, 2021) afirmaram em seus estudos que a participação nas aulas de Educação Física tende a reduzir ano após ano, diminuindo ainda mais no Ensino Médio.

[...] estudos têm mostrado que há uma visível evasão dos alunos do Ensino Médio das aulas de EF, além de grande desmotivação na participação das propostas desenvolvidas observando uma progressiva evasão dos adolescentes das aulas de EF e a pouca importância dada a ela no Ensino Médio (Silva; Silva, 2021, p. 109).

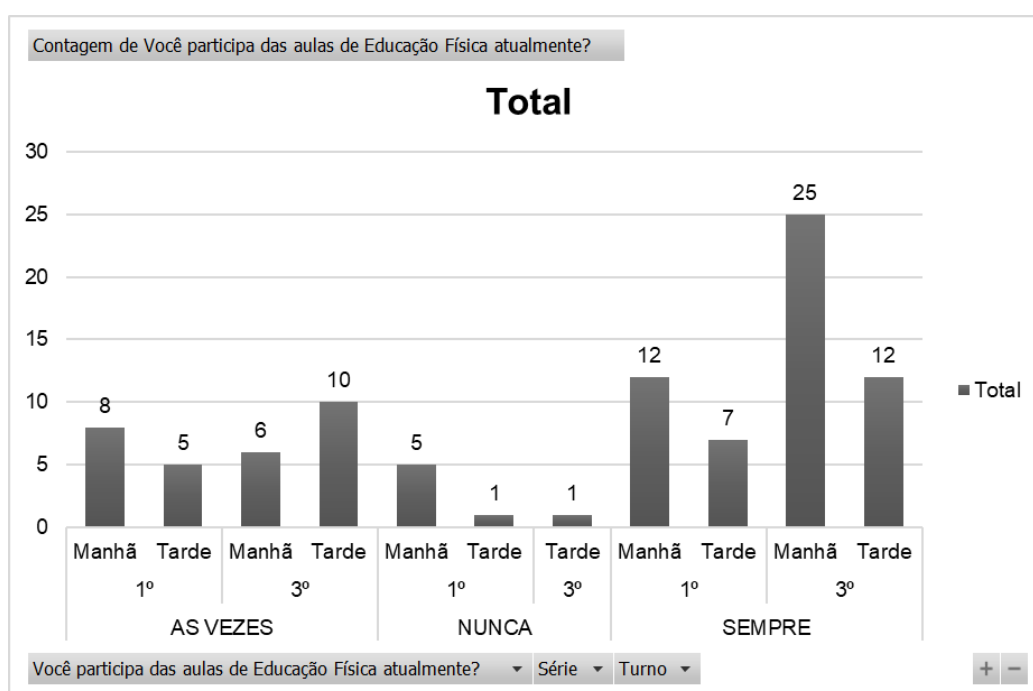
Dentre os estudantes, 7,6% da amostra assinalou “NUNCA” e 31,5%, “ÀS VEZES”. Quando a pergunta foi relativa à participação atual nas aulas de Educação Física, 52,7% desses estudantes pertenciam a 1ª série, o que se contradiz com a informação anterior sobre os níveis de participação diminuírem com o passar dos anos, ainda assim, temos uma porcentagem considerável de estudantes que não participam das aulas, esse achado está em consonância com outros estudos realizados no Ensino Médio (Silva; Silva, 2021; Ferreira et al., 2014; Silva, 2020; Brandolin et al., 2015).

Ainda na mesma pergunta, encontramos 60,9% que assinalaram que participam das aulas atualmente, em uma pesquisa realizada por Oliveira (2011) 55,1% dos estudantes admitiram participar de todas as aulas, apesar de ser uma

porcentagem baixa quando levamos em consideração as amostras totais, ainda temos a maioria dos estudantes frequentando as aulas de Educação Física.

Percebemos que apesar de reconhecer a importância da disciplina Educação Física na grade do Ensino Médio, os estudantes tendem, segundo a literatura, a apresentar um desinteresse em participar dessas aulas com o avançar das séries, porém nos nossos resultados encontramos um movimento divergente, em que a maioria dos não participantes pertenciam à 1ª série.

Gráfico 2 – Você participa das aulas de Educação Física?



Fonte: Elaboração própria (2024)

Dos 60,9% que participavam das aulas, 51% eram do sexo masculino. Dado semelhante foi encontrado por Oliveira (2011), onde 69,2% dos estudantes com participações significativas nas aulas, também eram do sexo masculino, assim como estudo de Brandolin et al. (2015) onde 90,9% dos estudantes do sexo masculino alegaram estar satisfeitos com a disciplina. Esses achados demonstram como os espaços das aulas de Educação Física ainda são ambientes mais confortáveis para os rapazes do que para as moças, tornando as aulas cada vez mais excludentes de acordo com o sexo dos estudantes.

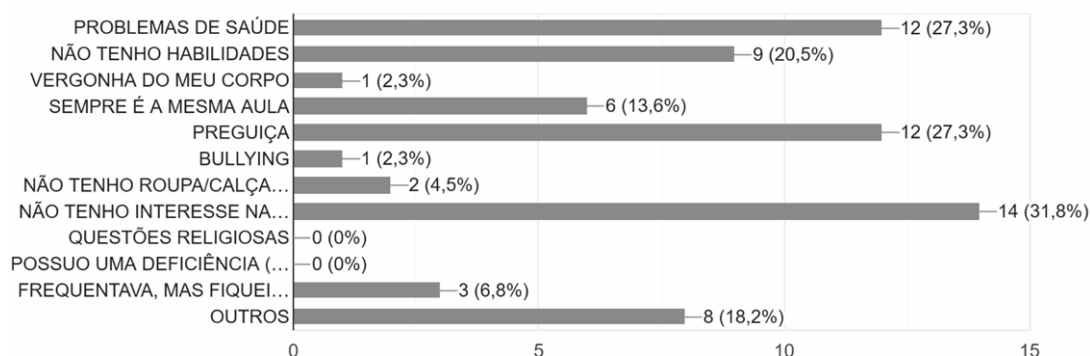
Em seguida, eles puderam assinalar as alternativas que justificaram o motivo de terem marcado a opção “ÀS VEZES” ou “NUNCA” na questão anterior. Assim, foi

A falta de organização e seleção de conteúdos que atendam aos interesses da etapa do Ensino Médio gera desmotivação dos estudantes. Segundo Santos (2020), a prática pedagógica docente pode ser responsável a motivar os estudantes quando apresenta algo “novo”, o autor ainda explica que o “novo” pode ser um conteúdo inédito para esses estudantes, ou ainda o aumento de complexidade de algo que já foi ensinado. No gráfico abaixo é possível verificar as razões da não participação dos estudantes.

Gráfico 3 – Justificativa da não participação nas aulas.

Se marcou NUNCA ou ÀS VEZES na questão anterior, marque abaixo as alternativas que justificam porque você não participa das aulas.

44 respostas



Fonte: Elaboração própria (2024)

A pergunta em relação à participação atual nas aulas também serviu para selecionar aqueles que poderiam participar da fase de entrevistas sobre história de vida.

A última pergunta do questionário deixou um espaço aberto para que os estudantes expressassem sua opinião sobre as aulas de Educação Física. A análise dessas respostas foi categorizada juntamente com as respostas das entrevistas sobre história de vida. Para melhor compreensão, as respostas referentes à questão aberta dos questionários serão identificadas por códigos conforme o esquema abaixo:

Imagem 4 – Código para identificação dos participantes do questionário



Fonte: Elaboração Própria (2025)

4.2 Análise das entrevistas sobre história de vida

Antes de iniciar a análise das entrevistas irei realizar uma descrição dos entrevistados para que o leitor possa se aproximar dos seus relatos e suas histórias de vida.

A entrevistada Kely, era estudante da 1ª série do Ensino Médio no turno matutino e tinha 15 anos, estudou toda vida escolar na rede pública de ensino na cidade de São Miguel dos Campos, era uma menina de fala tímida, porém articulava bem suas lembranças durante a entrevista. Kely tinha boa relação com seus colegas de turma, e durante a entrevista foi possível perceber que é uma jovem que tem apoio familiar em casa. Apesar de relatar um problema de saúde descoberto durante as aulas de Educação Física (desconforto respiratório intenso e palpitações cardíacas), e que durante um curto período de tempo a manteve afastada das aulas dessa disciplina, Kely demonstrou que de forma geral não tem nada contra a disciplina.

O entrevistado Isac, estava cursando a 1ª série do Ensino Médio no turno vespertino e tinha 16 anos, ele afirmou que quando era muito pequeno estudou em escola particular, porém já no Ensino Fundamental 1 passou a estudar na rede pública. Isac é um estudante que após uma meningite perdeu parte dos movimentos do braço e da perna do lado direito do corpo, além de ter passado por algumas cirurgias que deixaram cicatrizes em sua face e cabeça. Apesar de se relacionar bem com os colegas de turma, foi possível perceber em sua fala que ele passou por episódios de *bullying* relacionados a sua aparência física e deficiência. O estudante afirmou em diversos momentos que seus pais apoiavam as suas decisões e escolhas e que o deixavam livre para pensar aquilo que é benéfico para ele no ambiente escolar.

A entrevistada Lara, tinha 16 anos, frequentava a 3ª série no turno matutino. Lara iniciou sua vida escolar “muito cedo” e não teve reprovação em nenhuma série, sendo assim uma das mais novas da turma. A estudante relatou que durante o Ensino

Fundamental 1 frequentou a rede pública e particular de ensino, já no Fundamental 2 estudou exclusivamente na rede particular, retornando à rede pública na 1ª série do Ensino Médio. Lara era uma menina magrinha, que usava óculos e que relatou sobre episódios de *bullying* que sofreu durante sua vida escolar, antes de chegar ao Ensino Médio, segundo ela um “*bullying* gratuito” que a fazia ficar de fora das aulas de Educação Física. Apesar das suas experiências negativas nas aulas de Educação Física, ela apontou um interesse em fazer faculdade de Educação Física.

O último estudante entrevistado foi Miguel, de 19 anos, que estudava na 3ª série, no turno vespertino. Miguel era um rapaz de fala tímida que não deu muito abertura para conversa, apesar de demonstrar estar bastante à vontade com a entrevista. Talvez o assunto em si (experiências em aulas de Educação Física) não lhe tenha parecido interessante, já que o próprio relatou que não tinha muito a falar pois, suas experiências nessas aulas se resumiam a uma coisa: “Sempre futebol, só a mesma coisa”. Apesar das suas experiências repetitivas com o futebol nas aulas de Educação Física, o estudante ainda conseguiu demonstrar interesse pela disciplina quando os professores levavam algo diferente. Miguel informou que tem boa relação com os colegas, sendo eles os maiores responsáveis pela sua participação em algumas aulas, e que seus pais são compreensivos com as suas decisões e respeitam quando ele informa que não deseja participar das aulas.

Nessa fase de entrevistas sobre história de vida, os estudantes selecionados e acima identificados responderam a um instrumento semiestruturado que contava com 13 perguntas norteadoras, cujo objetivo era entender melhor a relação deles com as aulas de Educação Física ao longo da sua vida escolar, conhecer suas memórias e relacionar, se seu afastamento atual das aulas práticas dessa disciplina estava relacionado a algum marcador social da diferença.

Com base nas respostas recebidas na questão aberta do questionário e nas entrevistas sobre história de vida realizadas, foram criadas quatro categorias de análise: Importância e benefícios da Educação Física; Satisfação, inclusão e respeito nas aulas; Infraestrutura e diversidade de atividades; Relação com o professor e organização das aulas, onde essas respostas foram agrupadas de acordo com suas semelhanças. Foram criados dois quadros – um para os questionários e outro para as entrevistas – para organizar as categorias, a frequência que apareceram e trechos com as respostas dos participantes (em apêndice).

4.2.1 Importância e benefícios da Educação Física

Nessa categoria foram agrupadas respostas que enfatizam o papel positivo que a disciplina Educação Física exerce ou exerceu na vida dos estudantes, seja no aprendizado sobre o corpo, na escolha profissional ou na saúde e bem-estar. Através das suas colocações, os estudantes ressaltaram como a Educação Física pode ir além da prática esportiva como nos trechos abaixo:

Educação Física é uma disciplina que ajuda muita gente, por exemplo, pessoas que têm alguns problemas de saúde (E3M18).

A gente aprende sobre o corpo, como funciona o exercício (Isac).

Acho que ajuda na saúde e no bem-estar (Kely).

Em estudo realizado por Oliveira (2011), 29,7% dos estudantes apontaram que a Educação Física pode gerar benefícios para a manutenção da saúde e 26,4% relacionaram os benefícios ao lazer e bem-estar.

Ainda em resposta ao questionário e as entrevistas os estudantes também apontaram o uso da disciplina como uma ferramenta para melhorar a saúde e desenvolver habilidades motoras:

Ajuda contra o sedentarismo (E1F15).

Com ela desenvolvemos habilidades, fazemos atividade física e etc. (E3F18).

Auxilia aos alunos a aprenderem coisas novas e saírem de sua zona de conforto (E1F15).

Acho que as aulas poderiam ser melhores, porque praticar esporte faz bem (Kely).

Eu gosto muito de praticar esportes porque me ajuda a aliviar o estresse do dia a dia (Miguel).

Segundo Silva e Silva (2021) existem estudos que comprovaram que a participação em aulas de Educação Física contribuiu para o aumento da atividade física habitual dos jovens. Já Nunes et al. (2014) correlacionaram a não participação nas aulas de Educação Física com a diminuição na realização de atividades físicas extraescolares. “Além disso, há estudos apontando que esse comportamento sedentário persiste nos períodos seguintes do desenvolvimento humano, como na idade adulta” (Nunes et al., 2014, p. 2279). Porém, Santos et al. (2020) trouxeram um movimento contrário. Os autores sinalizaram que o acesso às atividades físicas

extraescolares interfere no interesse e na importância que os estudantes dão à Educação Física escolar.

Alguns estudantes reconhecem a Educação Física como um meio de promoção de valores, como disciplina e respeito:

Foi através do esporte que eu aprendi muita coisa, como disciplina e respeito (Miguel).

Porque a Educação Física nas aulas, né, que a gente sempre teve, sempre ensinava eu e meus amigos. Então, basicamente, eu lembro da lembrança de brincar com meus amigos, de ficar com meus amigos, basicamente isso (Lara).

Acho que ajuda a ter mais disciplina e rotina (Miguel).

Os valores que podem ser aprendidos e estimulados através das aulas de Educação Física devem advir não só daquilo que o estudante percebe como certo ou errado durante a prática dessas aulas, mas também devem ser provocados através da orientação, do acompanhamento e da observação daquele que está participando como sujeito ativo do processo de formação acadêmica e social dos estudantes dentro do ambiente escolar.

Na fala da estudante Lara podemos perceber a lembrança do Ensino Fundamental, onde as aulas se assemelham a momentos de recreio e lazer. Segundo Nunes et al. (2014), os jovens têm capacidade de reflexão sobre suas experiências, também conseguem analisar, comparar e tomar decisões em benefício de algo comum para o seu grupo, podemos relacionar as falas agrupadas nessa categoria à construção de algo que vai além da apropriação de habilidades motoras e conhecimentos sobre saúde.

É importante recordar que, principalmente as falas de entrevistas pertencem a estudantes que costumam não participar das aulas de Educação Física, mas que mesmo assim reconhecem benefícios nas experiências de aulas que já participaram em sua vida escolar. A construção de suas memórias através das experiências vividas, possíveis traumas, e a forma como a disciplina era conduzida no ano da pesquisa, são perceptíveis como os fatores influenciadores da consciência de importância da disciplina, cruzada com a não participação desses estudantes.

4.2.2 Satisfação, inclusão e respeito nas aulas - idade/geração, classe social e gênero como categorias de (não) participação nas aulas de Educação Física

Nessa categoria foram agrupados os achados sobre como os estudantes se sentem dentro da disciplina. Alguns estudantes relataram satisfação e valorizam a disciplina, outros apontam a falta de espaço para escolherem as atividades, algumas falas estão relacionadas ao acolhimento, inclusão/exclusão, apoio dos colegas e *bullying*.

A falta de inclusão dos estudantes no momento do planejamento e escolha dos conteúdos é algo que pode afetar a participação dos mesmos nas aulas, no trecho:

Na minha opinião, eu acho que os professores deveriam ouvir as opiniões dos alunos a respeito do esporte que eles querem fazer e não forçá-los a fazer algo que não se sentem à vontade de fazer (E3F17).

A estudante deixa clara a sua vontade de ser ouvida e opinar na escolha dos conteúdos. Observamos que em outras disciplinas os estudantes também são “forçados” a participar de aulas com conteúdos que não se sentem à vontade para estudar. Porém, uma característica da geração Z percebida e discutida no ambiente escolar é a presença de jovens cada vez mais questionadores sobre a importância da grade curricular comum da educação básica para o seu futuro. Nas aulas de Educação Física, esse “questionamento” torna-se mais visível diante da presença de estudantes que se recusam a participar das aulas práticas.

Em estudo realizado por Oliveira (2011), 75,6% dos estudantes afirmaram que achavam importante participarem da escolha dos conteúdos, o autor acredita que tal abertura geraria um maior interesse pelas aulas, nesse mesmo estudo os entrevistados apresentaram como sugestão para melhoria das aulas “a necessidade de se ‘escutar’ os interesses dos alunos”. Nunes et al. (2014) afirmaram que segundo os adolescentes, deve haver diálogo entre o professor e o aluno para que eles possam expor seus gostos, interesses, preferências e práticas que têm mais afinidade.

Uma outra estudante afirmou:

Ter mais respeito com a escolha dos alunos, falta não deveria ter apenas por motivos da pessoa não participar, muitas vezes pode ser por problemas de saúde (E1F15).

Vemos aqui o apelo pela compreensão dos professores em relação ao sistema de faltas e justificativas de ausências em aulas práticas. Na escola onde a pesquisa foi desenvolvida, os estudantes com atestados médicos que justificam a não participação nas aulas, têm suas faltas abonadas, porém nem todos conseguem esses atestados pois, a marcação de consultas pela Secretaria Municipal de Saúde é demorada. Se precisarem de exames a espera pode chegar a meses e as consultas

particulares fogem ao orçamento das famílias. Alguns jovens alegam problemas de saúde mas têm vergonha que o responsável vá na escola conversar sobre sua condição financeira e a falta de exames médicos. Dessa forma seguem acumulando faltas e contando apenas com a compreensão dos professores.

Vemos uma das formas de manifestação dos marcadores sociais da diferença nesse ponto. A **renda familiar** por vezes impede que o estudante apresente a documentação necessária para ter direito garantido, a vergonha por pertencer a uma classe social mais baixa impede que esse adolescente realize a ponte entre a família e a escola para que o problema seja sanado. O adolescente torna-se mais uma estatística de estudante infrequente, por causa de sua condição financeira.

A relação entre amigos é algo que pode incentivar a participação dos estudantes nas aulas, como podemos ver na fala a seguir:

A Educação Física é legal quando todo mundo participa e ninguém fica de fora (Miguel).

Em estudo de Oliveira (2011), os estudantes citaram determinados conteúdos, o prazer, a diversão e a convivência com os amigos como o que mais os motiva a participarem das aulas de Educação Física. Porém, os colegas de turma também podem contribuir para a não participação nas aulas, Lara relatou em sua entrevista duas lembranças que trazia do Ensino Fundamental. Na primeira ela falou como os colegas lhe influenciaram negativamente, nesse momento da entrevista foi possível perceber que essa lembrança trazia uma certa dor para a estudante:

Porque geralmente não era tão acolhida com as pessoas [...] eu preferia ficar de fora para não ter que interagir com a galera. Porque eu sofria um pouquinho de *bullying* (Lara).

A estudante foi perguntada de que forma acontecia esse *bullying*, se havia alguma razão específica, a mesma afirmou ainda com a voz triste que:

Era uma *bullying* gratuito [...] escolhiam um e ficavam mexendo com aquela pessoa (Lara).

Já na segunda lembrança, a estudante relata como os colegas foram importantes no seu retorno às aulas:

Professora, é porque teve uma época que eu levei uma queda muito forte [...] aí eu ficava com muito medo de machucar mais [...] muitos amigos me ajudavam a ir para a quadra, enfrentar basicamente o medo que eu tinha. Os amigos me ajudavam (Lara).

As relações sociais dos adolescentes e suas culturas juvenis são fatores determinantes para as escolhas que eles realizam tanto nos hábitos escolares, como fora da escola. O *bullying* sofrido pela estudante Lara, demonstra como esse tipo de prática pode ser prejudicial para o desenvolvimento social do jovem. A estudante em questão recordou esse momento com muita dor e timidez e apesar de em outro momento, ter sido os colegas de turma os responsáveis pelo seu retorno às aulas de Educação Física. Os episódios de *bullying* ficaram guardados na memória da estudante como um fator que ainda a impede de se sentir à vontade nas aulas.

Em relação às questões de **gênero**, as falas dessa categoria apontam para duas situações distintas: (1) a estudante Kely, trouxe a lembrança do Ensino Fundamental, quando "Nem sempre deixavam as meninas participarem do futebol" (Kely); (2) Já na sua experiência no Ensino Médio, a estudante falou: "Nunca senti que fui impedida de participar por ser menina" (Kely).

Percebemos algo que já foi visto anteriormente, como as aulas de Educação Física são espaços predominantemente masculinos, principalmente em aulas com a temática futebol. Cabe ao professor trabalhar em suas aulas a quebra de padrões, tornando a aula e a prática esportiva um espaço livre para todos, independente de gênero. O que foi possível inferir da fala de Kely, é que a interferência da professora de Educação Física da sua turma no ensino médio, tenha levado a um ambiente mais acolhedor para que ela fosse acolhida nas aulas, independentemente de ser uma menina.

Ainda tratando sobre o marcador social da diferença **gênero**, em um recorte retirado do questionário encontramos o relato da estudante:

Às vezes o professor não é compreensível, com as meninas que estão com cólica ou TPM, mesmo falando que não vai conseguir ir participar da aula ele quer que vá e se não for ele coloca falta (E1F16).

Sabemos que o corpo reage de forma diferente a cada período do ciclo menstrual e nos diferentes corpos das diferentes meninas/mulheres, esses períodos são sentidos com diferentes impactos.

Assim, notamos a pluralidade de experiências das garotas com a menstruação, se algumas afirmam que a mesma pode afetar as práticas esportivas, outras dizem não a perceber como um empecilho, enquanto que outras podem utilizá-la para justificar a inapetência para a prática esportiva. Com isso, a menstruação e o modo como ela é percebida depende de cada mulher (Oliveira et al., 2015, p. 87, 88).

Muitas vezes as estudantes do sexo feminino utilizam o período menstrual como justificativa para não participar das aulas práticas. Em seu estudo sobre

menstruação e atividade física, Lavorenti e Bortolozzi (2021) apresentaram o relato de uma jovem que afirmava usar as cólicas menstruais como desculpa para não frequentar as aulas de Educação Física de um professor que ela considerava machista e invasivo. No mesmo relato a jovem expôs como nunca teve um diálogo sobre menstruação e atividade física,

[...] nunca alguém me disse “ah, faz exercício que melhora” ou “não, melhor não fazer exercício porque piora”. Não é uma coisa que as pessoas... parece que as pessoas só ignoram que isso existe (Lavorenti; Bortolozzi, 2021, p. 106).

O ideal é que o professor tenha conhecimento para orientar as estudantes sobre como o exercício pode ser benéfico para aliviar as dores e tensões que acompanham o período menstrual, mas também é importante que o professor compreenda a individualidade de cada menina para não gerar um constrangimento, reforçando ainda mais estereótipos excludentes relacionados ao marcador social da diferença **gênero**, se tornando mais um ponto de exclusão das meninas das aulas práticas.

A vergonha e o medo de errar é um sentimento comum compartilhado por muitas crianças e jovens nas aulas de Educação Física fazendo com que eles deixem de participar das aulas, o sentimento de exclusão por parte dos menos habilidosos é retratado em algumas falas dos estudantes entrevistados quando perguntados sobre suas experiências no Ensino Fundamental:

Às vezes, eu me sentia meio excluído porque tinha gente que já era muito boa no esporte e não queria passar a bola pra quem era mais fraco (Isac).

Eu ficava insegura porque sempre tem aqueles alunos que já são muito bons e você fica meio com vergonha de errar na frente deles (Kely).

Tinha colegas que jogavam melhor e escolhiam sempre os mesmos para jogar (Miguel).

Silva (2020), apontou como esses estudantes que se sentem menos habilidosos nas práticas esportivas, se conformam em não participar, preferindo apenas observar a aula, conversar com os colegas, mexer no celular, ou até mesmo realizar outras atividades físicas fora do espaço onde ocorre o “jogo principal”. O autor traz essa visão diante de situações de abandono pedagógico, e reforça que os estudantes menos habilidosos se sentem menos satisfeitos com aulas nesse estilo. Segundo Santos et al. (2020), essas críticas e exclusões recebidas pelos colegas ou professores em relação à falta de habilidades nas práticas esportivas gera um

desinteresse por parte dos estudantes para realizar quaisquer atividades que exijam uma elaboração corporal mais refinada.

Através dos relatos e apontamentos dos estudantes é possível perceber como os marcadores sociais da diferença identificados nessa categoria contribuíram no passado e para alguns ainda exerce influência nas suas relações com as aulas de Educação Física. Os estudantes demonstraram insatisfação com algumas aulas onde consideram que são excluídos por não serem ouvidos, dando indícios de uma problemática relacionada a um **conflito geracional**, que será aprofundada posteriormente, esse fator se intersecciona ao marcador social **classe social** que surge como um agravante no acesso a documentos comprobatórios de condições especiais de saúde que impedem a participação dos estudantes nas aulas.

Por fim, as questões de gênero surgem sob duas óticas diferentes: a estudante que era impedida de participar por ser menina, quando criança; e as estudantes que têm suas justificativas de ausência relativas a período menstrual ignoradas. Em ambos os casos, as meninas/jovens têm sua vivência social nas aulas, modificada por serem do sexo feminino.

4.2.3 Infraestrutura e diversidade de atividades - A classe social, a corporalidade e a (não) participação de estudantes nas aulas de Educação Física

Essa categoria reúne as falas que mencionam a estrutura das escolas (Ensino Fundamental e Médio) para a prática das aulas de Educação Física, bem como a variedade – ou falta dela – de atividades propostas. Trabalhar com conteúdos diversificados não é somente uma opção de planejamento para o professor, mas sim uma exigência legal da BNCC. Segundo as orientações da BNCC para a Educação Física no Ensino Médio,

Na BNCC para o Ensino Fundamental, a Educação Física procurou garantir aos estudantes oportunidades de compreensão, apreciação e produção de brincadeiras, jogos, danças, ginásticas, esportes, lutas e práticas corporais de aventura (BRASIL, p. 483, 2017).

A partir desse trecho é possível compreender que durante o Ensino Fundamental 1 e 2 os estudantes tenham vivenciado uma diversidade de elementos presentes nas seis unidades temáticas, preconizadas neste documento, onde estão distribuídas as várias práticas corporais que podem ser trabalhadas na Educação Física.

Nessa categoria também foi possível perceber um interesse dos estudantes por participarem da escolha de conteúdos, como visto anteriormente e reforçado por Nunes et al. (2014), incluir os estudantes no planejamento do currículo da disciplina pode favorecer a sua participação nas aulas. Além disso, incluir os estudantes no planejamento pode apresentar ao professor novas oportunidades de conteúdos que não haviam sido pensados anteriormente. Santos et al. (2020) afirmaram que quando se apresenta um conteúdo novo ou uma metodologia diferenciada, o estudante acaba desenvolvendo um interesse e se coloca aberto a participar da nova experiência.

Foram selecionadas algumas falas onde os estudantes deixaram sugestões de conteúdos e atividades que gostariam de ter na escola.

Geralmente ela é boa, mas acho que precisaria de ter algo a mais, como musculação ou coisas do tipo (E3M17).

Eu queria muito que tivesse mais jogo queimado (E3F17).

Musculação teria que ser um dos esportes principais das aulas de Educação Física (E3M19).

A escola podia ter mais opções de esportes, tipo basquete, vôlei (Isac).

Seria legal se tivesse mais torneios internos, assim a gente teria mais vontade de participar (Miguel).

A partir dessas falas podemos compreender como os estudantes ainda têm uma visão equivocada do que é a Educação Física escolar. Os três trechos iniciais são apontamentos de estudantes da 3ª série do EM, a “musculação” em si pode ser trabalhada dentro dos conteúdos escolares, porém cabe a reflexão do modo como os estudantes formulam suas “queixas” sobre a falta de musculação como um conteúdo das aulas. Qual Educação Física esses estudantes viram durante seus nove anos de educação básica? Qual Educação Física esses estudantes conhecem? Tal estudante acredita que a Educação Física esteja relacionada somente à prática da musculação, e não compreende como esse conteúdo “principal” não seja o foco das aulas.

A estudante Lara, relatou em sua entrevista uma possível razão para a ausência dos estudantes nas aulas de Educação Física:

Porque geralmente é muito dividido. Porque tem gente que não faz, fica na arquibancada ou até mesmo nem vai para a quadra. E tem gente que joga mesmo (Lara).

O ponto levantado pela estudante está relacionado ao domínio do espaço da quadra por parte dos estudantes do sexo masculino, eles escolhem o jogo, o time, e

iniciam a “aula”. As estudantes do sexo feminino que não se arriscam a entrar, ficam na arquibancada ou pior, ficam na sala de aula, se excluindo totalmente do ambiente da aula. A estratégia pedagógica (ou abandono) de deixar os estudantes escolherem o esporte que será realizado na aula, sem a interferência do professor, é diferente de incluir o estudante no planejamento, uma gera o afastamento e a outra gera o interesse e a participação.

Como mencionando anteriormente, o abandono pedagógico abre espaço para exclusão dos menos habilidosos, aqueles com algum tipo de deficiência, considerados menos ágeis e/ou mais fracos, são deixados de lado na formação das equipes, ter o **corpo** ou as habilidades fora do padrão dito “normal” para a sociedade e para os esportes gera a exclusão e o afastamento, mesmo que contra a vontade, desses estudantes não só nas aulas de Educação Física, mas na convivência social também. Essa exclusão das aulas torna-se mais grave por ser amparada pelo próprio professor que permite tal comportamento em suas aulas.

Ainda sobre a diversidade nas atividades, outro ponto que chama atenção são as falas dos estudantes sobre a diferença entre os conteúdos dos anos anteriores.

No Fundamental era mais diversificado, sempre tinha brincadeiras [...] e agora no terceiro ano, totalmente, pô, não tive as aulas práticas que eram ano passado (Lara).

Nesse trecho a estudante faz referência a variedade de atividades que ocorriam nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental, porém ao chegar na 3ª série do Ensino Médio ela percebe uma mudança em como a professora conduz as aulas, principalmente no que diz respeito às aulas práticas. Agora, já adolescente, a estudante compreende que as brincadeiras do Ensino Fundamental também eram conteúdo das aulas, porém no Ensino Médio ela relaciona os momentos de aulas às exigências que antes não existiam como provas em formato de simulados, apresentações orais de trabalho, construção de maquetes relacionadas ao universo esportivo, tais mudanças criam um estranhamento no relacionamento que a estudante desenvolveu com a disciplina.

Nesse período, as narrativas apontam para o início de diversas tensões com a disciplina, principalmente a respeito das mudanças na prática pedagógica e nas exigências avaliativas [...] Essa EF possui um conteúdo sistematizado, avalia com mais rigidez e tem momentos de aula realizada em sala, nos quais começa a se destacar, além da necessidade de dominar uma atividade, a necessidade de se construir enunciados sobre ela, compreender e criar regras e associar o conhecimento teórico e prático dos conteúdos da disciplina, resultando em um estranhamento e rejeição por parte dos estudantes (Santos et al., 2020, p. 8).

Na fala a seguir a estudante afirmou: “Na minha antiga escola tinha mais variedade de esportes” (Kely). Essa relação que a estudante faz com as aulas no Ensino Fundamental ter mais esportes que no Ensino Médio pode estar associada ao fato dela utilizar uma lembrança de épocas em que não tinha aula teórica. Sendo assim, os tempos de aula eram todos dedicados aos esportes.

No momento que a EF começa a se aproximar da lógica escolar de ensino, nas séries finais do Ensino Fundamental, com aulas em sala, conteúdos sistematizados em conceitos e enunciados e avaliações teóricas, começa um estranhamento nos estudantes[...], o que resulta em uma rejeição e atua como um dos fatores determinantes no afastamento dos alunos das aulas (Santos et al., 2020, p. 26).

Enquanto a BNCC para o Ensino Fundamental vem extremamente detalhada, colocando em cada ano o que o professor deve trabalhar com suas turmas, a BNCC do Ensino Médio é vaga, trazendo em seu texto a recomendação do aprofundamento e reflexão sobre os conteúdos já trabalhados, acreditando numa maturidade adquirida pelo avanço da faixa etária dos estudantes. O documento sugere:

Que eles possam refletir sobre as possibilidades de utilização dos espaços públicos e privados que frequentam para desenvolvimento de práticas corporais, inclusive as aprendidas na escola, de modo a exercer sua cidadania e seu protagonismo comunitário (Brasil, p. 484, 2017).

Apesar da superficialidade com a qual a BNCC trata as orientações da disciplina para o Ensino Médio, alguns autores anteriores à sua publicação, já falavam sobre o aprofundamento de conteúdos no Ensino Médio. Betti e Zuliani (2002) sugeriram que no Ensino Médio é possível relacionar os elementos da cultura corporal do movimento com aquilo que os estudantes consideram significativos para si, utilizando uma abordagem mais relacionada com a faixa etária dos jovens tratando aspectos socioculturais e biológicos como parte da formação de cidadãos capazes de vivenciar “atividades corporais com objetivos vinculados ao lazer, saúde/bem-estar e competição esportiva” (Betti e Zuliani, 2002, p. 76).

O estranhamento e afastamento citado por Santos et al. (2020) pode estar relacionado a esse pensamento mais crítico que passa a se exigir do estudante, em detrimento dos momentos de lazer e brincadeiras que antes eles relacionavam aos tempos de aula da Educação Física.

Em relação à infraestrutura, os apontamentos dos estudantes participantes podem ser agrupados em dois tipos: a falta de materiais e a falta da quadra na escola para realização de aulas práticas. Para Carvalho et al. (2020), os materiais são tão importantes para o desenvolvimento da aula quanto a infraestrutura oferecida. O

conjunto de materiais adequados, infraestrutura e prática docente alinhada, favorece de forma positiva a aprendizagem e a participação dos estudantes nas aulas. Os estudantes abaixo sinalizaram que:

A falta de materiais é um problema grande pois impede os professores de trabalharem e os alunos de aprenderem (E3M18).

Falta de equipamento e compreensão de todos a diversidades de esportes; na maioria das aulas, as pessoas só querem apenas um ou dois tipos para serem praticados (E3F18).

É possível inferir através desse registro que a diversidade de conteúdos fica prejudicada pela falta de equipamento.

Podemos perceber como o marcador social da diferença referente a **classe social** está relacionado a essas falas dos estudantes. É importante recordar que os marcadores sociais da diferença estão relacionados à forma como uma pessoa se posiciona dentro da sociedade e os privilégios ou processos de exclusão aos quais essa pessoa é submetida. Estudantes de classes sociais mais “baixas” têm suas possibilidades de estudo restritas, passando por um processo de dificuldade no acesso e permanência na escola, além da diferença na qualidade e infraestrutura de muitas escolas da rede pública de ensino. Essa falta de estruturas e materiais interfere significativamente nas possibilidades de aprendizagem dos jovens estudantes das escolas públicas brasileiras.

É importante ressaltar que as duas falas anteriores são relativas às aulas de Educação Física do Ensino Médio na escola pesquisada, mas quatro meses após a coleta de dados, uma variedade considerável de equipamentos (bolas de basquete, futsal, handebol, vôlei, bambolês, cones, tatames, colchonetes, cordas, balanças, fita métrica, escada funcional e pratos demarcatórios) chegaram na escola para serem utilizados nas aulas de Educação Física.

Como detalhado na identificação do local da pesquisa, a quadra da referida escola demorou muitos anos para ser construída, sendo utilizada em sua totalidade (com materiais e infraestrutura adequada) a partir do ano de 2024. Antes disso os estudantes realizavam aulas práticas, quando possível, em outros espaços da cidade que eram cedidos em regime de colaboração, ou no pátio da escola, caso não atrapalhasse as salas de aulas das outras turmas. Uma das estudantes falou como eram as aulas no ano de 2022: "No primeiro ano era só teórica. Só teórica, só teórica. Eu acho que não chegou nem a ter prática" (Lara).

Já a estudante Kely falou o que ela soube por outros alunos que frequentaram a escola em anos anteriores: "A quadra demorou muito tempo para ser entregue, isso atrapalhou bastante" (Kely).

Carvalho et al. (2020) reforçaram em seu estudo a importância do espaço físico e dos materiais, considerando-os elementos indispensáveis à participação dos alunos nas aulas.

A literatura acadêmica que se dedica a estudar fatores motivacionais para a participação nas aulas de Educação Física aponta que o comportamento dos colegas (especialmente nas aulas com prática esportiva), os exercícios físicos, as escolhas das atividades pelos professores e a infraestrutura escolar se destacam como as principais razões para o baixo engajamento dos estudantes (Carvalho et al., 2020, p. 235).

Nos anos em que as aulas práticas eram realizadas fora da escola, elas aconteciam no turno contrário, em dias da semana pré-agendados com os espaços cedidos, os estudantes também falaram sobre esses anos.

Geralmente a gente fazia as aulas teóricas de manhã e as práticas à tarde. Era em outro turno (Lara).

Fazer aula em outro turno era difícil, mas eu ia (Miguel).

Eu acho que era mais a coragem que muitas pessoas não tinham para vir à tarde. E também, acho que é mais isso (Lara).

Segundo Bertini Junior e Tassoni (2013), as aulas de Educação Física realizadas no mesmo turno das outras disciplinas gera pontos positivos principalmente quando se trata de instituições públicas, visto que reduz o deslocamento dos estudantes, o que diminui o custo com transportes "que muitas vezes a família não tinha condições de arcar e muito menos o poder público" (Bertini Junior; Tassoni, 2013, p. 479), além de proporcionar uma maior interação com as outras disciplinas.

É difícil para uma escola que funciona em tempo parcial cobrar a obrigatoriedade da presença do estudante em outro turno, além das dificuldades de deslocamento, as condições financeiras de algumas famílias exigem que alguns jovens já trabalhem ou ajudem a cuidar de irmãos pequenos ou da casa (normalmente são as jovens meninas que cuidam de seus irmãos e realizam tarefas domésticas), enquanto os responsáveis estão no trabalho.

Alguns professores relatavam no passado uma presença maior de estudantes do sexo masculino em aulas do turno contrário enquanto as estudantes do sexo feminino apresentavam a justificativa dos serviços domésticos para não comparecerem. Um outro ponto está relacionado aos jovens que não possuíam

condições de pagar pelo transporte para chegar até a escola, já que para esses momentos não existia a disponibilidade de um transporte gratuito.

As dificuldades estruturais para a realização de aulas no contraturno, especialmente na Educação Física, são atravessadas por marcadores como classe social e gênero, a não participação das estudantes está relacionada não só a falta de recursos para se deslocar até a escola no contraturno, mas o fato de pertencer a uma classe social mais baixa, implica também que a sua vivência como jovem estudante do Ensino Médio seja afetada pela obrigação de exercer cuidados domésticos de seu lar. Essa a combinação de gênero e classe social atua de forma interseccional, restringindo o acesso pleno das meninas às oportunidades formativas oferecidas pela Educação Física quando realizada no contraturno, tal situação exige reflexões sobre a organização escolar e as políticas públicas educacionais.

A acessibilidade e disponibilidade dos estudantes influenciava diretamente a sua participação nas aulas de Educação Física, e os marcadores sociais da diferença referentes às classes sociais estão implícitos nessas condições de participação. Ter a quadra da escola entregue aumentou consideravelmente a participação desses estudantes.

4.2.4 Relação com o professor e organização das aulas – Marcador social da diferença idade/geração e sua relação com a (não) participação nas aulas de Educação Física

Essa categoria trata das interações entre estudantes e professores e qual o papel do professor na motivação dos estudantes e organização das aulas. Algumas respostas demonstram como o marcador social “idade” pode surgir como um agravante na não participação dos estudantes, através dos **conflitos geracionais**, entre o que o jovem estudante considera essencial para seu aprendizado e aquilo que o professor utiliza em sua metodologia de ensino, como nos trechos abaixo.

Ah, o professor sempre queria que a gente jogasse futebol, mas eu não gosto muito (Isac).

Eu acho que o professor meio que já espera que todo mundo vá jogar e gostar de esporte, só que não é assim (Miguel).

Ah, ele não entendia que a gente já estava cansado de manhã e queria fazer algo mais leve. Só colocava jogo direto (Kely).

Os professores mais antigos não variam tanto as atividades. A gente ficava preso no mesmo esporte sempre (Lara).

Os relatos dos estudantes se misturam nas etapas do Ensino Fundamental e Médio, mas eles sempre retornam ao ponto da repetição de conteúdos, mesmos jogos e mesmos esportes nos diferentes anos, ao passo que o nível de ensino avança e a complexidade do conteúdo permanece, os níveis de interesse e participação vão decaindo. Junto ao amadurecimento dos estudantes, os interesses e preocupações vão mudando,

As preocupações dos jovens no Ensino Médio estão muito ligadas à inserção no mercado de trabalho, a uma carreira, a construir a si mesmo como ser humano no mundo adulto e se fazer reconhecer como tal. Portanto, a importância do que se aprende na EF está diretamente relacionada ao momento da vida que estão atravessando (Santos et al., 2020, p. 24).

Para Betti e Zuliani (2002) a Educação Física no Ensino Médio deve ser compatível aos novos interesses dos estudantes, não se pode apenas aprofundar os conteúdos já trabalhados repetidas vezes nos anos anteriores, essa Educação Física do Ensino Médio deve trazer características próprias que levem em conta a capacidade cognitiva e afetiva social dos jovens.

As estudantes Kely e Lara relacionaram a falta de motivação com a organização das aulas:

Eu acho que às vezes falta mais planejamento na aula, porque tem dia que parece que o professor improvisa e a gente só joga bola (Kely).

[...] tem vezes que ela deixa livre (Lara).

Segundo Brandolin et al. (2015) a percepção de uma aula bem-organizada torna-se uma boa referência para o estudante, gerando um clima escolar que produz impactos positivos. Silva (2020), encontrou em sua pesquisa estudantes que se incomodam em não participar das aulas quando elas possuem essa característica de abandono pedagógico, porém, tal qual como o relato de Kely, eles ficam apenas no campo do “achismo”, segundo o autor

Provavelmente porque mesmo sabendo que a aula é ruim, não conhecem parâmetros de uma boa aula para propor tais mudanças, uma vez que nas suas trajetórias como estudantes muitos deles nunca tiveram aulas de Educação Física organizadas e sistematizadas (Silva, 2020, p. 58).

Na fala da estudante é possível identificar mais uma vez o domínio dos estudantes do sexo masculino sobre o espaço da aula, principalmente quando o professor tem o perfil de abandono pedagógico: “Que melhore as aulas porque a professora só deixa jogar os meninos” (E3F17).

Vemos aqui mais um relato onde as estudantes do sexo feminino se sentem excluídas das atividades, de acordo com a forma que elas são organizadas pela professora que também é mulher. Professores também podem atuar como reprodutores da separação sexista existente nas aulas de Educação Física. Meyer apud Cruz e Palmeira (2009) salientou como pode ser difícil para o professor observar as diferenças do que é um comportamento natural ou cultural, entender que gênero e sexualidade são construções sociais e não algo natural pode ser um processo demorado. Vale ressaltar que a professora em questão já havia relatado em algumas ocasiões a dificuldade que tinha em manter o domínio sobre os estudantes do sexo masculino das suas turmas, o que se torna um agravante relacionado também com a falta de limites e respeito para com a figura do professor.

Oliveira e Jaeger (2015) ressaltaram um ponto importante sobre as mulheres possuírem historicamente menos oportunidade de acessar práticas esportivas do que os homens, e a escola é um dos poucos espaços que as estudantes podem ter acesso a certas práticas corporais. As aulas conhecidas como “livre” ou de “esportes” sem a intervenção do professor, torna-se um espaço excludente para as estudantes do sexo feminino, provocando um distanciamento ainda maior das aulas.

Um outro ponto que chama atenção nas entrevistas são as queixas dos estudantes em relação às aulas teóricas, os estudantes relataram que as aulas teóricas até abordam uma variedade de conteúdos, porém na aula prática, se torna repetitivo o conteúdo esporte. Na fala da estudante Lara, podemos observar a dificuldade da professora em deixar claro para os estudantes a relação entre aula teórica e prática: "Ela sempre não consegue explicar direito o esporte que a gente vai fazer na aula, praticamente isso" (Lara). Segundo a estudante não é possível a compreensão diante da didática de explicação utilizada pela professora, seria uma falha de compreensão dos estudantes ou uma falha de comunicação da professora?

Santos et al. (2020), em seu estudo sobre relação com o saber às identidades da Educação Física, aponta que seus estudantes de Ensino Médio relacionam os conteúdos aprendidos dentro da sala de aula como teóricos, já os conhecimentos aprendidos fora desse espaço se relacionam com as aulas práticas. Esse é um conhecimento e uma fala comum entre os estudantes, professores e comunidade escolar.

O estudante Isac relatou o que ele observava na sua turma durante as aulas teóricas: "Quando o professor dá muita teórica, ninguém quer prestar atenção" (Isac).

Em seu estudo, Oliveira (2011) encontrou que 41,4% dos estudantes não gostam das aulas teóricas ou aulas em sala, assim como não gostam de professores que falam muito esse dado demonstra uma particularidade dos jovens estudantes que pertencem a Geração Z, a procura por informações novas, rápidas e veloz. Eles têm como característica realizar multitarefas, porém "são pessoas que não tem o foco como seu forte e poderão tornar-se profissionais dispersos, que se concentram muito menos em uma só ocupação" (Lauer, 2011).

Esses estudantes possuem um maior interesse pelas vivências práticas, porém é importante frisar que muitas vezes os estudantes vêm na aula prática a oportunidade de sair do espaço fechado da sala de aula para socializar com os colegas, e não propriamente para realizar as atividades propostas pelo professor. Segundo Santos et al. (2020), no Ensino Médio, os jovens enxergam as aulas de Educação Física como um espaço de lazer, descanso e socialização, "uma espécie de 'válvula de escape' das outras disciplinas, tidas como importantes para o momento da vida em que estão atravessando" (Santos et al., 2020, p. 26).

Propor atividades que atraiam a atenção dos estudantes é um desafio para os professores, e quando falamos em **gerações** distintas, com características de personalidade e interesses distintos, a adequação e a criatividade do professor têm que estar de acordo com a realidade encontrada, acompanhando o ritmo de transformações rápidas e incorporando seus conteúdos aos aspectos das novas gerações.

Na fala a seguir a estudante relata sobre a frequência e permanência nas aulas: "Nossa professora não é tão legal ter aula com ela, aí geralmente a gente não tem tanta vontade de ter e de ficar na aula mesmo" (Lara).

Segundo Pereira e Moreira (2005), os alunos saírem da aula durante sua execução tem relação com a falta de motivação e interesse no conteúdo e estratégia de ensino adotada pelo professor. Mais uma vez ressaltamos a importância da inclusão dos estudantes no planejamento pedagógico, o que pode gerar um maior interesse nas aulas, visto que os conteúdos foram escolhidos com a participação deles.

Outro fator importante que influencia a participação dos estudantes nas aulas de Educação Física, diz respeito aos seus níveis de motivação de acordo com o ritmo do professor, sua organização didática e sua prática pedagógica.

A professora, por mais que dê as aulas que ela dá na sala, mas não é a mesma coisa na prática (Lara).

Depende muito do professor, alguns fazem a gente gostar mais da aula (Isac).

Se o professor anima, a gente acaba se animando junto (Miguel).

Teve um professor que eu gostava mais, porque ele sabia motivar a turma (Miguel).

Para Nunes et al. (2014), o desempenho e os níveis motivacionais para a prática de atividades físicas das crianças e adolescentes, recebe contribuição direta da forma como o professor ensina. A prática pedagógica do professor pode se tornar um fator de facilitação ou de dificuldade na forma como os estudantes aprendem. Segundo Santos et al. (2020), uma boa articulação entre teoria e prática facilita a organização da aprendizagem na concepção dos estudantes:

O ensino da Educação Física junto aos alunos do Ensino Médio tem sido discutido na literatura como um processo de desafios diferentes, ora ligados à infraestrutura da escola, ora decorrentes dos comportamentos dos alunos e também das escolhas que os professores realizam face às estratégias selecionadas para ensinar (Nunes et al., 2014, p. 2282).

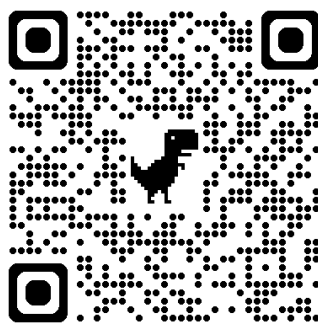
Podemos perceber que a maioria das queixas dos estudantes dentro dessa categoria tem a ver com o fato de não terem voz na escolha dos conteúdos e da repetição dos conteúdos ano após ano. A idade/geração à qual o indivíduo pertence ou se encontra também pode ser entendida como um marcador social da diferença, visto que a sua existência gera uma interferência na forma como os indivíduos convivem em sociedade. A abertura do espaço para o jovem se posicionar, para ouvirmos os seus interesses e aquilo que melhor atende aos anseios da sua geração deve ser uma prática adotada pelos espaços escolares para assim tentarmos garantir a participação desses estudantes nas aulas, visto que atenderão de forma mais fidedigna aquilo que atrai a curiosidade deles.

5 RECURSO EDUCACIONAL

Segundo instrução normativa nº10 de 11 de dezembro de 2019, que estabelece os critérios para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) junto ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, o TCC deve preceder um produto educacional.

Sendo assim, após a análise dos resultados da pesquisa, foi verificado que um dos maiores fatores que influenciam os estudantes a não participarem das aulas de Educação Física é a falta de espaço para serem ouvidos durante o planejamento das atividades que são escolhidas. Diante disso foi pensada numa sequência didática com três planos de aula para criação - de forma colaborativa entre professor e estudantes - de um planejamento anual que contemple conteúdos e abordagens envolvendo os marcadores sociais da diferença que foram identificados como possíveis fatores que determinam a não participação dos estudantes nas aulas de Educação Física, com o objetivo de aumentar a participação dos estudantes levando aulas com conteúdos apontados como sendo do interesse deles.

É possível acessar o recurso educacional que foi organizado em forma de cartilha, contendo os planos de aula que foram aplicados nas turmas, exemplos do material produzido pelos estudantes e um exemplo de planejamento anual construído de forma participativa após a execução das aulas propostas na sequência didática através do *qr-code* abaixo.



6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do estudo e análise dos dados obtidos durante essa pesquisa de Mestrado acreditamos que conseguimos atingir o objetivo do trabalho compreendendo melhor quais são os processos relacionados a não participação dos estudantes do Ensino Médio nas aulas de Educação Física escolar e como a condição juvenil desses estudantes, os marcadores sociais da diferença e suas interseccionalidades constituem esses processos.

Percebeu-se nas vozes dos jovens estudantes que o principal motivo de afastamento das aulas de Educação Física é a falta de interesse nos conteúdos que são propostos pelos professores, indicando a repetição de conteúdos e a falta de espaço para registrar seus interesses como um ponto chave para não participarem das aulas.

Dentro dos relatos dos estudantes, conseguimos relacionar o marcador social da diferença **idade/geração** como um dos principais que estão relacionados com a não participação nas aulas de Educação Física. Ele emerge das situações de falta de interesse nos conteúdos que os professores selecionam para suas turmas sem manter o diálogo para conhecer os interesses dos seus estudantes do Ensino Médio. Porém, esse marcador se intersecciona fortemente com outros que aparecem ao longo das falas dos participantes - **gênero, classe social, corporalidade** - e intensificam ainda mais a ausência desses estudantes nas aulas de Educação Física.

É interessante também observar que apesar da geração Z ser caracterizada como “nativos digitais” em nenhum dos relatos dos questionários e das entrevistas de história de vida os estudantes mencionaram questões relacionadas ao uso de tecnologias nas aulas, seja sua ausência, presença, ou interesse que tais recursos tecnológicos fossem incorporados nas suas vivências em aulas de Educação Física.

Nessa pesquisa optamos por dois instrumentos de coleta de dados (questionário e entrevistas sobre história de vida) consequentemente foram realizados dois tipos de análises de dados. Na análise dos questionários – primeiro instrumento de coleta de dados – já pudemos perceber que mais da metade da amostra não participaria das aulas de Educação Física caso não fossem obrigatórias. Isso nos mostra o quanto a nossa disciplina encontra-se distante do nicho de interesse desses estudantes e nos faz refletir se para eles, a Educação Física oferece algum benefício dentro e fora da escola.

Mesmo com a obrigatoriedade da disciplina, encontramos entre os participantes um número elevado de estudantes que não participam das aulas, ou que escolhem os momentos que vão estar presentes de acordo com a sua vontade, nos surpreendeu descobrir que a maioria desses estudantes pertencem a 1ª série do EM, visto que em nossas leituras encontramos estudos que comprovam que, frequentemente, os níveis de participação vão diminuindo com o passar dos anos. Esse dado nos chamou atenção, pois a coleta foi realizada durante o mês de agosto, período em que esses estudantes já tinham uma certa convivência, então não seria a falta de ambientação a razão dessa não participação. Essa informação nos deixa com uma lacuna aberta para investigar e tentar compreender melhor os principais motivos da não participação dos estudantes nas aulas de Educação Física no Ensino Médio analisando de forma minuciosa fatores estruturais, sociais e culturais que atravessam a experiência escolar considerando a articulação entre trabalho, gênero, classe e as condições concretas de vida dos jovens.

Os questionários também nos mostraram que a participação predominante nas aulas de Educação Física continua sendo dos estudantes do sexo masculino, e aqui já conseguimos observar como o marcador social da diferença **gênero** está relacionado com a não participação nas aulas visto que, historicamente, os espaços esportivos têm um predomínio masculino, e essa dominação continua se repetindo com o passar dos anos e continua reduzindo os espaços de esporte, lazer e convivência das meninas/mulheres nos ambientes escolares e na sociedade.

Chegando ao final da análise dos questionários, encontramos quase metade dos estudantes alegando que não participam das aulas principalmente por não ter interesse na prática escolhida pelo professor, ou porque o professor sempre “dá” a mesma aula. Pudemos perceber o quanto a prática pedagógica e as divergências de interesse das diferentes **gerações** influenciam os estudantes nas suas escolhas por estarem ou não presentes nos momentos das aulas, aquilo que o professor considera importante para a aula pode não fazer sentido para o estudante. A literatura nos mostra que por diversos anos a repetição de conteúdos é um palco de estudo para pesquisadores e professores de Educação Física.

Temos um universo de conteúdos possíveis de se trabalhar na escola então por que tantos estudantes ao longo dos anos sinalizam que os conteúdos das aulas de Educação Física são sempre os mesmos desde o Ensino Fundamental até terminarem o Ensino Médio? As razões também podem estar incluídas num universo

de possibilidades, a falta de preparo do professor, a falta de estrutura/materiais na escola, o conforto e segurança que o professor sente ao trabalhar sempre as mesmas coisas, a negação dos estudantes em aceitar novas possibilidades, dentre tantos outros motivos. Cada vez mais novas pesquisas sugerem metodologias e sequências didáticas para levarmos conteúdos diferenciados e que estejam direcionados para a realidade dos nossos estudantes, ansiamos que esse material possa chegar a diversos professores para que melhorem sua prática pedagógica.

Quando iniciamos a categorização das respostas obtidas através das entrevistas sobre história de vida, encontramos um pouco de dificuldade para relacionar os achados com os marcadores sociais da diferença, e compreender como eles estavam presentes nas histórias e vivências desses estudantes ao longo da sua vida escolar. Foi necessário realizar uma análise atenta do material, resgatando o contexto das entrevistas, as expressões faciais, o tom de voz e outros detalhes sutis que emergiram durante as conversas e que revelam nuances importantes dos relatos compartilhados pelos entrevistados.

Agrupamos os achados, através das suas semelhanças, em quatro categorias. Percebemos na primeira categoria que apesar de não participarem das aulas os estudantes conseguiram dialogar sobre benefícios que a disciplina apresenta dentro e fora do âmbito escolar, então a sua ausência das aulas não está relacionada ao não reconhecimento da importância da disciplina. Seguindo para a segunda categoria, conseguimos identificar nela relatos que envolviam os marcadores sociais da diferença relacionados à **idade/geração**, **classe social** e **gênero**, foram agrupadas falas que indicavam como esses marcadores estavam ligados a satisfação, inclusão e respeito nas aulas.

Na terceira categoria notamos como, principalmente, a **classe social** se relaciona com a não participação. A infraestrutura e a diversidade de atividades que pode ser realizada com os espaços e materiais disponíveis na escola pública interfere diretamente na forma como esses estudantes têm suas vivências escolares prejudicadas. A classe social é também atravessada pelos relatos que nos mostram como a **corporalidade** e a busca de ideais de corpo, principalmente feminino, e as relações desses corpos com as habilidades esportivas, dificultavam a participação dos estudantes durante as aulas.

Analisando a interseccionalidade desses marcadores sociais (**gênero**, **corporalidade** e **classe social**) conseguimos perceber como o corpo feminino,

especialmente o das jovens de classes mais baixas, é atravessado por normas de cuidado e trabalho desde muito cedo, o que limita sua vivência e performance em espaços esportivos tradicionalmente associados à força, competitividade e visibilidade pública. Além disso, as exigências sociais sobre a feminilidade e a responsabilidade precoce pelo trabalho doméstico contribuem para o afastamento dessas jovens das práticas corporais mais livres e do próprio espaço escolar no contraturno.

A última categoria agrupou os principais relatos que mantinham relação com o marcador social da diferença **idade/gênero**, os estudantes trouxeram diversos apontamentos sobre as relações que tiveram com os professores durante o Ensino Fundamental e Médio e como essas relações interferiram nas suas afinidades com a Educação Física. Questões envolvendo planejamentos repetitivos que não refletiam o interesse dos estudantes, abandono pedagógico, exclusão das meninas, monotonia do professor, dentre outras situações, foram apontadas pelos estudantes como sendo desestimulantes a sua participação.

A análise dos questionários revelou que a participação nas aulas de Educação Física ainda é predominantemente masculina, evidenciando como o marcador social da diferença, **gênero**, continua a moldar o acesso aos espaços esportivos, historicamente dominados por homens e que seguem limitando a presença feminina na escola e na sociedade. Além disso, identificou-se que quase metade dos estudantes se afastam das aulas por falta de interesse nas práticas propostas, muitas vezes repetitivas e desconectadas de suas realidades, o que reforça a importância de refletir criticamente sobre a prática pedagógica.

É importante refletir sobre as situações que levam o professor a adotar a postura de abandono pedagógico, a sobrecarga de disciplinas, planejamentos, ações externas e internas do calendário escolar, a infraestrutura disponível, falta de formações e atualizações, defasagem salarial, dentre outros. É uma batalha diária o exercício profissional dos professores brasileiros, tomar uma postura ativa e resistir as práticas de abandono pedagógico, infelizmente tornou-se um diferencial entre a classe dos professores não só de Educação Física, mas também de outras disciplinas.

Estudos anteriores já vêm sinalizando há anos para a necessidade de diversificar os conteúdos, mas fatores como falta de estrutura, resistência à inovação e insegurança docente ainda limitam essa renovação. No processo de análise das entrevistas sobre história de vida, foi necessária uma escuta atenta às sutilezas dos

relatos para compreender como os marcadores sociais (**gênero, classe social e geração**) atravessam as experiências escolares.

A categorização dos dados mostrou que, mesmo reconhecendo a importância da disciplina, a falta de infraestrutura, a valorização de certos padrões corporais e habilidades, o distanciamento geracional e práticas pedagógicas excludentes influenciam negativamente a participação. Em especial, relatos de exclusão de meninas, práticas repetitivas e relações pouco acolhedoras com professores foram destacados como fatores desestimulantes, evidenciando a necessidade urgente de práticas pedagógicas mais inclusivas, diversas e sensíveis às realidades dos estudantes.

Por fim, acreditamos que a disposição e flexibilidade do professor para abrir espaços de escuta para os jovens estudantes, a compreensão da individualidade e das características próprias da geração Z e Alpha (atuais gerações de estudantes do Ensino Médio) e o estudo de novas abordagens pedagógicas para o Ensino Médio, podem auxiliar o professor a aumentar os níveis de participação dos estudantes em suas aulas.

Como sugestão, propomos em nosso recurso educacional uma sequência didática que possibilite ao professor realizar um diagnóstico inicial das turmas, considerando os marcadores sociais da diferença — como gênero, classe social e geração — e suas interseccionalidades. A intenção é que, a partir dessa escuta sensível e qualificada, seja possível construir um planejamento didático que reflita não apenas os interesses dos estudantes, mas também suas diversas experiências, identidades e condições sociais, contribuindo para práticas mais inclusivas e significativas na Educação Física escolar.

Esperamos com isso trazer os jovens estudantes para uma participação mais ativa nas aulas de Educação Física, proporcionando a eles vivências que estejam alinhadas com os marcadores sociais da diferença que permeiam suas vidas e suas experiências educacionais e sociais.

REFERÊNCIAS

ALAGOAS. Secretaria de Estado da Educação. *Referencial curricular do estado de Alagoas: ensino fundamental e ensino médio*. Versão 2021. Maceió: Secretaria de Estado da Educação, 2021. Disponível em: <https://www.educacao.al.gov.br/educacao/educacao-basica>. Acesso em: 12 maio 2025.

ARTES, A.; UNBEHAUN, S. As marcas de cor/raça no ensino médio e seus efeitos na educação superior brasileira. **Educação e Pesquisa**, v. 47, p. e228355, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/GdZr7NqL7ncDdBfGH9KLWZD/?lang=pt>. Acesso em: 2 nov. 2024.

AZEVEDO, C. B.; CHARLOT, B. Educação e diversidade nas percepções de professores e gestores escolares. **Revista E-Curriculum**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 40-69, 30 mar. 2022. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/54688>. Acesso em: 7 abr. 2024.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luiz Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERTINI JUNIOR, N.; TASSONI, E. C. M. A educação física, o docente e a escola: concepções e práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 27, n. 3, p. 467–483, jul. 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbefe/a/Bqn9wHyTThPRXgf9XnSSVPD/abstract/?lang=pt&utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 14 jun. 2025

BETTI, M.; ZULIANI, L. R. Educação Física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 1, n. 1, 2002. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1363>. Acesso em: 18 mar. 2025.

BRANDOLIN, F.; KOSLINSKI, M.; SOARES, A. J. G. A percepção dos alunos sobre a educação física no ensino médio. **Journal of Physical Education**, v. 26, n. 4, p. 601-610, set. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/refuem/a/KQdF88SbmKQ5xhtK3Hr4p3B/>. Acesso em: 24 fev. 2025.

BRASIL. Secretaria de Estado do Planejamento, Gestão e Patrimônio. **Painel Data Jovem**. Alagoas, 2024. Disponível em: <https://dados.al.gov.br/catalogo/dataset/painel-datajovem/resource/deaa01d1-0a36-4ae3-bd6d-a89a9e50ca83>. Acesso em: 29 jan. 2025.

BUNGENSTAB, G. C. Quem são os jovens do ensino médio? **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 34, n. 1, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22456/2595-4377.110445>. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/110445>. Acesso em: 5 maio 2024.

BUSCA ATIVA ESCOLAR. **Busca Ativa Escolar**. Disponível em: <https://buscaativaescolar.org.br/>. Acesso em: 14 jun. 2024

CANDAU, V. M. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: **MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M.** (orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. Disponível em: <https://educarparaomundo.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/07/moreira-candau-multiculturalismo-diferenc3a7as-culturais-e-prc3a1ticas-pedagc3b3gicas.pdf>. Acesso em: 13 maio 2025.

CARVALHO, J. P. X. et al. Infraestrutura escolar e recursos materiais: desafios para a Educação Física contemporânea. **Revista Humanidades & Inovação**, Palmas, v. 7, n. 10, p. 219-237, abr. 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2917>. Acesso em: 24 fev. 2025.

CASSAB, C. Condição juvenil em tempo de incerteza: experiência em grande empreendimento habitacional. **Geotextos**, [S.L.], v. 14, n. 2, p. 13-34, 19 dez. 2018. Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/27687>. Acesso em: 7 abr. 2024.

CAVALCANTI, T. C. Tradição e Juventudes em ALAGOAS: o grupo de coco de roda Xique-xique. 2018. 189 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/2468>. Acesso em: 2 mai. 2024.

COLLINS, P. H.; BILGE, S. Interseccionalidade. Tradução de Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021. Disponível em: http://www.ser.puc-rio.br/2_COLLINS.pdf. Acesso em: 25 jun. 2024.

CORRÊA JÚNIOR, M. C. As relações dos estudantes com os saberes nas aulas de Educação Física no Ensino Médio: reflexões e ações mobilizadoras. 2021. Dissertação (Mestrado em Ensino) - Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), Bauru, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/9d4c66aa-9c70-4af1-bd0c-a9f2201d0214>. Acesso em: 10 abr. 2024.

CRUZ, M. M. S.; PALMEIRA, F. C. C. Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar. **Motriz: Revista de Educação Física**, Rio Claro, v. 15, n. 1, p. 116–131, jan./mar. 2009. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/1470/2224>. Acesso em: 14 jun. 2025.

DA SILVA CAMILLO, M. R.; BEZERRA, M. I. da S.; PINTO, M. D. de O. S. Professores que educam a geração Z. **Anthesis**, v. 9, n. 16, p. 1–18, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/anthesis/article/view/4562>. Acesso em: 7 abr. 2024.

DARIDO, S. C.; GONZALEZ, F. J.; GINCIENE, G. O afastamento e a indisciplina dos alunos nas aulas de Educação Física escolar. In: ALBUQUERQUE, D. I. de P.; DEL-MASSO, M. C. S. (org.). **Desafios da Educação Física Escolar: temáticas da formação em serviço no ProEF**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. 170 p. 1 PDF. ISBN 978-65-86546-43-9. (Coleção IEP3, nº 8). Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/381384>. Acesso em: 9 abr. 2024.

DAYRELL, J. A escola. **Educação & Sociedade**, [S.L.], v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-73302007000300022>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/RTJFy53z5LHTJjFSzq5rCPH/?format=html>. Acesso em: 7 abr. 2024.

DORNELLES, P. G. et al. Aula mista versus aula separada? Uma questão de gênero recorrente na Educação Física escolar. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física**, Cristalina, v. 1, n. 1, p. 141-156, ago. 2009. Semestral. Disponível em: https://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACAO_FISICA/artigos/Aula-mista-versus-aula-separada-na-Ed-F-escolar.pdf. Acesso em: 27 out. 2024.

FERREIRA, M. L. dos S.; GRAEBNER, L.; MATIAS, T. S. Percepção de alunos sobre as aulas de educação física no ensino médio. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 3, 2014. DOI: 10.5216/rpp.v17i3.25587. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/25587>. Acesso em: 13 jun. 2025.

FLICK, U. Introdução à pesquisa qualitativa. Tradução de Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONSECA, M. P. S.; BRITO, L. T. Por uma perspectiva inclusiva na Educação Física escolar. In: **CARVALHO, R. M. de A.; PALMA, A.; CAVALCANTI, A. S. S.** (orgs.). **Educação física, soberania popular, ciência e vida**. Niterói: Intertexto, 2022. p. 69-83. Disponível em: https://www.academia.edu/90139932/Por_uma_perspectiva_inclusiva_na_Educa%C3%A7%C3%A3o_F%C3%ADsica_escolar. Acesso em: 13 mai. 2025.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). Panorama da Distorção Idade-Série no Brasil. 2018. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/media/461/file/Panorama_da_distorcao_idade-serie-no-Brasil.pdf. Acesso em: 26 mar. 2025.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOI, Ana Laura Bereta de. A perspectiva dos(as) estudantes sobre a não participação nas aulas de Educação Física 2020. 135 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional) – UNESP, Faculdade de Ciências, Bauru, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/12e111ce-aaab-49dc-aaef-0eba7c567165>. Acesso em: 13 mai. 2024.

GOMES, I. C. et al. Representações sociais de estudantes do ensino médio alagoano: analisando narrativas dos professores. **Anais VII CONEDU - Edição Online...** Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/68921>. Acesso em: 2 ago. 2024.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. Fundamentos de metodologia científica. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LAUER, C. A chegada da geração Z no mercado de trabalho. 2011. Disponível em: <https://robertodearaujocorreia.wordpress.com/2011/10/06/a-chegada-da-geracao-z-no-mercado-de-trabalho/>. Acesso em: 14 jun. 2025.

LAVORENTI, J. Z; BORTOLOZZI, A. C. Concepções sobre menstruação e atividade física: análise do relato de uma jovem. In: Bortolozzi et al. (orgs). **Questões sobre sexualidade e educação sexual: novos paradigmas e horizontes**. 1ª Ed: Gradus Editora. Bauru, São Paulo. 2021. Disponível em: https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/80025/1/Bortolozzi...Vilac%CC%A7a%28Orgs.%29%282021%29_QUESTO%CC%83ES%20SOBRE%20SEXUALIDADE.pdf. Acesso em: 14 jun. 2025

MARQUES, J. G. R. et al. Geração Alpha no Futuro das Organizações. **Renovare: Revista de Saúde e Meio Ambiente**, União da Vitória, v. 2, n. 8, p. 278-292, ago. 2021. Semestral. Disponível em: <https://book.uqv.edu.br/index.php/renovare/issue/view/92>. Acesso em: 23 out. 2024.

MARTINS, M. Z.; VASQUEZ, V. L.; MION, M. P. L. Associações entre gênero, classe e raça e participação nas aulas de Educação Física. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, [S.L.], v. 27, p. 1-8, 1 fev. 2023. Brazilian Society of Physical Activity and Health. <http://dx.doi.org/10.12820/rbafs.27e0285>. Disponível em: <https://rbafs.org.br/RBAFS/article/view/14986>. Acesso em: 8 set. 2024.

MELO, C. M. S. de et al. Jovens trabalhadores: experiência do trabalho e condição juvenil. **Principia: Caminhos Da Iniciação Científica**, v. 16, p. 84–92, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/principia/article/view/25479/14473>. Acesso em: 5 mai. 2024.

MINAYO, M. C. S. A condição juvenil no século XXI. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; NJAINE, K. (orgs). **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011, pp. 17-43. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/4c6bv/pdf/minayo-9788575413852-03.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2024

MINAYO, M. C. S. (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NASCIMENTO, N. M. do; SANTOS, J. C. dos; VALENTIM, M. L. P.; MORO-CABERO, M. M. O estudo das gerações e a inteligência competitiva em ambientes organizacionais. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, [S.L.], v. 6, n. 1, p. 16–28, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/pgc/article/view/27381>. Acesso em: 13 mai. 2025.

NEIRA, M. G. e NEIRA, M. G. A abordagem das diferenças no currículo cultural da educação física. **Revista Humanidades & Inovação**, v. 7, n. 10, p. 39-56, 2020. Tradução. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2892>. Acesso em: 8 set. 2024.

NOGUEIRA, M. L. M.; BARROS, V. A. de; ARAUJO, A. D. G.; PIMENTA, D. A. O. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. **Pesqui. prá. psicossociais [online]**, 2017, v. 12, n. 2, p. 466-485. ISSN 1809-8908. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IscScript=iah/iah.xis&base=article^edlibrary&format=iso.pft&lang=p&nextAction=lnk&indexSearch=AU&exprSearch=ARAUJO,+ADRIANA+DIAS+GOMIDE>. Acesso em: 15 mar. 2024.

NONATO, S. P. A condição juvenil dos jovens trabalhadores da Cruz Vermelha Brasileira no campus Pampulha da UFMG. 2013. 265 f. Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais para obtenção do título de Mestre em Educação. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-B8JKWE>. Acesso em: 14 jun. 2024

NUNES, A. E. et al. Estratégias de Ensino e a Participação nas Aulas de Educação Física: O que pensam alunos do ensino médio de uma escola técnica paulista? In: **CONGRESSO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**, 2., 2014, Águas de Lindóia. **Anais [...]**. Águas de Lindóia: Unesp, 2014. p. 2278-2289. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/9eb0a969-f160-4420-a772-7943314303e6>. Acesso em: 2 mar. 2025.

OLIVEIRA, M. C. et al. Estereótipos de Gênero e Educação Física: Diálogos com estudantes de ensino médio. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 75-96, ago. 2015. Semestral. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/23083>. Acesso em: 24 fev. 2025.

OLIVEIRA, P. R. G. A relação com os saberes da educação física: os pontos de vista dos alunos jovens em relação à disciplina educação física em uma escola pública federal. 2011. 83 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/18d40b1a-37db-406c-b232-21210d72e765/content>. Acesso em: 2 mar. 2025.

PEREIRA, A. S. et al. Metodologia da pesquisa científica [recurso eletrônico] / Adriana Soares Pereira, Dorlivete Moreira Shitsuka, Fabio José Parreira, Ricardo Shitsuka – 1. ed. – Santa Maria, RS: UFSM, NTE, 2018.

PEREIRA, E. Entenda o que é design de prompts. **Instituto Mauá de Tecnologia**, 2023. Disponível em: <https://maua.br/noticias/press-releases/entenda-o-que-e-design-de-prompts>. Acesso em: 12 maio 2025.

PEREIRA, R. S.; MOREIRA, E. C. A participação dos alunos do Ensino Médio em aulas de Educação Física: algumas considerações. **Revista de Educação Física**, Maringá, v. 16, n. 2, p. 121–127, 2º sem. 2005. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3381/2427>. Acesso em: 14 jun. 2025.

SANTOS, W. dos; SANTOS, V. F. dos; GAMA, J. C. F. Da relação com o saber às identidades da educação física: narrativas de estudantes do Ensino Médio. **Pro-Posições**, v. 31, p. e20190074, 2020. Disponível em: scielo.br/j/pp/a/DpmkWp8rQMsQdqqfvJByXdn/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 2 mar. 2025.

SILVA, K. V.; LEITE, M. B. O (re)conhecimento dos marcadores sociais da diferença como forma de combate às desigualdades: uma reflexão introdutória em torno do papel da educação. **Anais VII CONEDU - Edição Online...** Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/68921>. Acesso em: 02 ago. 2024.

SILVA, R. B. da. Educação física no ensino médio e o significado dos conteúdos sob a ótica discente: do “rola bola” para os temas da cultura corporal de movimento. 2020. 166 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2020. Disponível em: [texto_rafael-bernardo-da-silva.pdf](#). Acesso em: 24 fev. 2025.

SILVA, R. R. V.; SILVA, N. S. S. e. Educação Física no Ensino Médio: participação, interesse e opinião dos alunos quanto à obrigatoriedade no currículo escolar. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, Brasil, v. 35, n. 1, p. 109–118, 2021. DOI: 10.11606/issn.1981-4690.v35i1p109-118. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/184425>. Acesso em: 13 maio. 2025.

SILVA, T. A. A. da. Condição juvenil, desigualdades de gênero e processos de exclusão nas aulas de educação física escolar. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, [S.L.], v. 21, n. 2, p. 344-354, 24 ago. 2021. EDIPUCRS. <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2021.2.37319>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/civitas/a/Jzkh3GSqKXXLZrHcq5s7ndF>. Acesso em: 7 abr. 2024.

SILVA, V. P.; BARROS, D. D. Método história oral de vida: contribuições para a pesquisa qualitativa em terapia ocupacional. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, São Paulo, Brasil, v. 21, n. 1, p. 68–73, 2010. DOI: 10.11606/issn.2238-6149.v21i1p68-73. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rto/article/view/14087>. Acesso em: 13 maio. 2025.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: **MÉTODOS DE PESQUISA** / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/52806/000728684.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 13 mai. 2025.

SOARES, F. P.; RIBEIRO, W. C. Geração Z - desafios da educação para a sustentabilidade. **Geoinf: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia**, Maringá, v. 14, n. 1, p. 52-75, ago. 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Fabiana-Soares-9/publication/362455660_GERACAO_Z_-_DESAFIOS_DA_EDUCACAO_PARA_A_SUSTENTABILIDADE/links/62eab20588b83e7320a67e47/GERACAO-Z-DESAFIOS-DA-EDUCACAO-PARA-A-SUSTENTABILIDADE.pdf. Acesso em: 7 abr. 2024.

STEFANE, C. A. Professores de educação física: diversidade e práticas pedagógicas. 2003. 248 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/items/1e62a3c6-ff52-4cd5-881d-7059d450a15b>. Acesso em: 14 jun. 2025

VENTURA, M. M. O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa. **Socerrj**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 20, p. 383-386, set. 2007. Disponível em: http://sociedades.cardiol.br/socerrj/revista/2007_05/a2007_v20_n05_art10.pdf. Acesso em: 25 ago. 2024.

VELOSO, E. F. R.; DUTRA, J. S.; NAKATA, L. E. Percepção sobre carreiras inteligentes: diferenças entre as gerações y, x e baby boomers. **Rege - Revista de Gestão**, [S.L.], v. 23, n. 2, p. 88-98, abr. 2016. Emerald. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.rege.2015.05.001>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1809227616300108>. Acesso em: 4 maio 2024.

YIN, R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos / Robert K. Yin; trad. Daniel Grassi. – 2. ed. – Porto Alegre: Bookman, 2001.

_____. Pesquisa qualitativa do início ao fim [recurso eletrônico] / Robert K. Yin; tradução: Daniel Bueno; revisão técnica: Dirceu da Silva. – Porto Alegre: Penso, 2016. ePUB. Disponível em: <https://idoc.pub/documents/pesquisa-qualitativa-do-inicio-ao-fim-robert-yinpdf-x4ewq9prw843>. Acesso em: 24 ago. 2024.

APÊNDICES

Apêndice A

Questionário sobre as Aulas de Educação Física

(Adaptação dos questionários utilizados por Oliveira (2011) e Ferreira, Graebner e Matias (2014, v. 17).

Esse questionário tem como objetivo identificar qual o seu nível de envolvimento e interesse em relação às aulas de Educação Física. Responda a partir do que você já vivenciou ou espera vivenciar nas aulas dessa disciplina.

1. Série: 1ª () 3ª ()
2. Turno: Manhã () Tarde ()
3. Gênero: () feminino () masculino () outros
Se marcou "OUTROS" na questão anterior, com qual gênero se identifica?
4. Idade: _____
5. Você acha importante ter aulas de Educação Física no Ensino Médio?
() sim () não
6. Se as aulas de Educação Física não fossem obrigatórias, você participaria?
() sim () não () talvez
7. Durante sua vida escolar você já deixou de participar das aulas de Educação Física?
() sim () não
8. Se respondeu "SIM" na pergunta anterior, cite abaixo os motivos que te levaram a não participar das aulas: _____
9. Você participa das aulas de Educação Física Escolar?
() nunca () às vezes () sempre
10. Por que não participa das aulas? (Se marcou NUNCA ou ÀS VEZES na questão anterior, marque quantas alternativas desejar)
() problemas de saúde
() não tenho habilidade
() vergonha do meu corpo
() sempre a mesma aula

- () preguiça
- () bullying
- () dificuldade com transporte
- () não tenho roupa/calçado adequado
- () não tenho interesse na prática selecionado pelo professores
- () frequentava, mas fiquei desmotivado(a). Por quê?

Outros: _____

11. Assinale as palavras (quantas você quiser) que você relaciona com as aulas de Educação Física:

Competição	☐		Alegria	☐
Academia	☐		Cooperação	☐
Obrigação	☐		Ginástica	☐
Olimpiadas	☐		Medo	☐
Satisfa�o	☐		Esporte	☐
Esportes radicais	☐		Vergonha	☐
Corrida	☐		Movimento	☐
Briga	☐		Preguiça	☐
Vontade	☐		Jogo	☐
Dança	☐		Prazer	☐
Brincadeira	☐		Artes marciais	☐
Diversão	☐		Corpo	☐
<u>Video-game</u>	☐		Recrea�o	☐
Exclusão	☐		Cansaço	☐
Atleta	☐		Estudo	☐
Vitória	☐		Saúde	☐
Conhecimento	☐		Tristeza	☐
Habilidade	☐		Machucado	☐
Derrota	☐		Desrespeito	☐
Reclama�o	☐		Outra	☐
Respeito	☐			

Apêndice B

Roteiro de Entrevista sobre História de Vida

Essa entrevista será realizada com o objetivo de investigar a história de vida dos estudantes e suas relações com a não participação nas aulas de Educação Física, além de identificar e compreender se existe relação entre as classes e desigualdades sociais e o afastamento desses estudantes das aulas práticas de Educação Física.

1. Nome
2. Vamos começar com você falando um pouco sobre a sua relação com as aulas de Educação física na época da escola como um todo
3. Como eram suas aulas de Educação Física nos anos anteriores? Você consegue recordar desde a sua educação infantil (até os 6 anos) se você tinha contato com alguma atividade de professores de Educação Física ou era só a professora de sala?
4. Se avançarmos um pouco para o Ensino Fundamental (I e II), o que você consegue lembrar dessas aulas? Você costumava participar? Gostava, se sentia bem nas aulas de Educação Física?
5. Agora durante o Ensino Médio, como é a sua relação com as aulas de Educação física?
6. Você já passou por algum momento onde sentiu que você não pertencia ao espaço daquelas aulas? Se sentiu excluído/a de alguma forma? O que te incomoda nesses momentos, olhares, falas, dedos te apontando, gritos, xingamentos? (Muito pequeno, sem força, sem roupa, sapato velho)
7. Você consegue lembrar de episódios que te chamaram atenção de forma positiva e/ou negativa nas suas aulas de Educação Física nos anos anteriores?
8. Você lembra se alguém da sua casa te incentivava para participar das aulas práticas de Educação Física?
9. Já teve algum momento que você precisou de um material específico para participar das aulas de Educação Física e você não tinha?
10. Você já se sentiu excluída da aula por ser mulher?
11. Se você pensar um pouco mais longe, você consegue identificar se adquiriu conhecimentos que considera importantes nas aulas de Educação Física?

12. No geral, você tem boas ou más lembranças das suas aulas de Educação Física? Por quê?
13. Você gostaria de falar sobre algo que não foi mencionado nas perguntas anteriores?

Apêndice C



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS A.C. SIMÕES – AV. LOURIVAL MELO MOTA, S/N
CEP: 57072-970, CIDADE UNIVERSITÁRIA – MACEIÓ – AL
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE

Pesquisadora Responsável: Soraya Dayanna Guimarães Santos

Título da Pesquisa: DESIGUALDADE SOCIAL E DIVERSIDADE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Instituição Coparticipante: ESCOLA ESTADUAL ANA LINS

Declaro ter ciência do Projeto de Pesquisa acima citado e concordar com a sua realização, em nossa instituição, em consonância com as resoluções 466/2012, 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS) e suas complementares.

Esta instituição está ciente de, suas responsabilidades como instituição coparticipante do projeto de pesquisa, assim como do compromisso no sigilo dos dados referentes à pesquisa e do resguardo da segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa, dispondo de infraestrutura necessária para tal.

Da mesma forma, estamos cientes que os pesquisadores somente poderão iniciar a pesquisa pretendida após encaminharem, a esta instituição, uma via do parecer de aprovação da pesquisa expedido pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas

São Miguel dos Campos, 30 de outubro de 2023

Rita de Cássia Mendonça Silva Santos

RITA DE CÁSSIA MENDONÇA SILVA SANTOS,

Gestora Geral da Unidade de Ensino

ESCOLA ESTADUAL ANA LINS
CNPJ: 00.769.367/0001-74
PORTARIA SEDUC/AL 012/2017
Rua Senador Máximo, 150 - Centro
[SÃO MIGUEL DOS CAMPOS - AL]

Rita de Cássia M. Silva Santos
Gestora da Unidade de Ensino
Matrícula: 9865082
Port./Seduc nº 13.434/2021
ESCOLA ESTADUAL ANA LINS

*Autorizo a realização da pesquisa
nesta unidade de ensino
30/10/2023 RJS*

Apêndice D

Categorias de Análise e Frequência da Última Pergunta do Questionário

Categoria	Frequência	Unidade de Análise
Importância e benefícios da Educação Física	6	"Auxilia aos alunos a aprender coisas novas e saírem de sua zona de conforto"; "Bom, tenho comigo que as aulas de Educação Física são importantes pois com ela desenvolvemos habilidades, fazemos atividade física e etc."; "Educação física além de uma matéria de escola, pode estar relacionada à construção de corpo e psicológico, visto que artes marciais se enquadram no conceito de educação física onde é trabalhado a questão de corpo, mente e respeito."; "Que a educação física é uma disciplina que ajuda muitas gente por exemplo pessoas que têm alguns problemas de saúde."; "Auxilia contra o sedentarismo."
Satisfação, inclusão e respeito nas aulas	6	"Gosto muito e participo às vezes."; "São muito legais."; "Ter mais respeito com a escolha dos alunos, falta não deveria ter apenas por motivos da pessoa não participar, muitas vezes pode ser por problemas de saúde."; "Na minha opinião, eu acho que os professores deveriam ouvir as opiniões dos alunos a respeito do esporte que eles querem fazer e não FORÇA-LOS a fazer algo que não se sentem à vontade de fazer."; "As vezes o professor não é compreensível, com as meninas que estão com cólica ou TPM, mesmo falando que não vai conseguir ir participar da aula ele quer que vá e se não for ele coloca falta."
Infraestrutura e diversidade de atividades	6	"Falta de equipamento e compreensão de todos a diversidades de esportes; na maioria das aulas, as pessoas só querem apenas um ou dois tipos para serem praticados."; "Geralmente ela é boa, mais acho que precisaria de ter algo a mais, como musculação ou coisas do tipo."; "Eu queria muito que tivesse mais jogo queimado."; "Musculação teria que ser um dos esportes principais das aulas de educação física."; "Sim, a falta de materiais é um problema grande pois impede os professores de trabalharem e os alunos de aprenderem."
Relação com o professor e organização das aulas	5	"A professora é idosa, acho isso meio errado."; "Que melhore as aulas porque a professora só deixa jogar os meninos."; "Era pra acontecer mais futsal nas aulas."; "Na minha opinião, eu acho que os professores deveriam ouvir as

		opiniões dos alunos a respeito do esporte que eles querem fazer e não FORÇA-LOS a fazer algo que não se sentem a vontade de fazer."; "As vezes o professor não é compreensível, com as meninas que estão com cólica ou TPM, mesmo falando que não vai conseguir ir participar da aula ele quer que vá e se não for ele coloca falta."
--	--	--

Apêndice E

Categorias de Análise e Frequência das Entrevistas sobre História de Vida

Categoria	Frequência	Unidades de Análise (Falas dos Entrevistados)
Importância e benefícios da Educação Física	8 vezes	- "A educação física está entre um dos meus cursos pra faculdade. Só que não necessariamente pra escola, pra um ensino. Eu pretendo fazer educação física porque é uma área que eu gosto muito, por causa da academia." (Lara) - "Foi através do esporte que eu aprendi muita coisa, como disciplina e respeito." (Miguel) - "A gente aprende sobre o corpo, como funciona o exercício." (Isac) - "Acho que as aulas poderiam ser melhores, porque praticar esporte faz bem." (Kely) - "Acho que ajuda na saúde e no bem-estar." (Kely) - "Porque a educação física nas aulas, né, que a gente sempre teve, sempre ensinava eu e meus amigos. Então, basicamente, eu lembro da lembrança de brincar com meus amigos, de ficar com meus amigos, basicamente isso." (Lara) - "Eu gosto muito de praticar esportes porque me ajuda a aliviar o estresse do dia a dia." (Miguel) - "Sempre gostei de jogar bola, então pra mim era uma matéria boa." (Isac) - "Eu comecei a gostar mais de educação física depois que entrei na academia." (Isac) "Eu lembro de que sempre achei legal as aulas, mas depende do que a gente faz." (Miguel)
Satisfação, inclusão/exclusão e respeito nas aulas	10 vezes	- "Porque eu geralmente não era tão acolhida com as pessoas, com o pessoal. E eu preferia ficar de fora para não ter que interagir com a galera. Porque meio que eu sofria um pouquinho de bullying." (Lara) - "Eu acho que era um bullying gratuito. Tipo, eles escolhiam uma pessoa e ficavam..." (Lara) - "Nunca senti que fui impedida de participar por ser menina." (Kely) - "A educação física é legal quando todo mundo participa e ninguém fica de fora." (Miguel) - "Muitos amigos me ajudavam a ir para a quadra, em frente a basicamente o medo que eu tinha. Os amigos me ajudavam." (Lara) - "Professora, é porque teve uma época que eu acho que eu levei uma queda muito forte, que eu tenho até cicatriz aqui. Aí eu levei uma queda muito forte. Só que não foi na quadra nem nada. Aí eu ficava com muito medo de machucar mais e deformar meu rosto. Aí eu nunca, tipo, não ia

		mais." (Lara) - "Depois, até depois, com trauma." (Lara) - "Às vezes, eu me sentia meio excluído porque tinha gente que já era muito boa no esporte e não queria passar a bola pra quem era mais fraco." (Isac) - "Nem sempre todo mundo participa da aula, aí às vezes fica sem graça." (Isac) - "No fundamental parecia que todo mundo se divertia mais." (Kely) - "Eu ficava insegura porque sempre tem aqueles alunos que já são muito bons e você fica meio com vergonha de errar na frente deles." (Kely) - "Tinha colegas que jogavam melhor e escolhiam sempre os mesmos para jogar." (Miguel) - "Nem sempre deixavam as meninas participarem do futebol." (Kely)
Infraestrutura e diversidade de atividades	12 vezes	- "No primeiro ano era só teórica. Só teórica, só teórica. Eu acho que não chegou nem a ter prática." (Lara) - "A quadra demorou muito tempo para ser entregue, isso atrapalhou bastante." (Kely) - "No segundo ano, começou acho que as práticas, na metade do ano, que foi a senhora trazendo à tarde a gente pra cá, que eu vinha também." (Lara) - "E agora no terceiro ano, totalmente, pô, não tá as aulas práticas que eram ano passado." (Lara) - "Geralmente a gente fazia as teóricas de manhã e as práticas à tarde. Era em outro turno." (Lara) - "No fundamental era mais diversificado, sempre tinha brincadeiras." (Lara) - "Eu acho que era mais a coragem que muitas pessoas não tinham para vir à tarde. E também, acho que é mais isso." (Lara) - "Porque geralmente é muito dividido. Porque tem gente que não faz, fica na arquibancada ou até mesmo nem vai para a quadra. E tem gente que joga mesmo." (Lara) - "Acho que ajuda a ter mais disciplina e rotina." (Miguel) - "A escola podia ter mais opções de esportes, tipo basquete, vôlei." (Isac) - "Na minha antiga escola tinha mais variedade de esportes." (Kely) - "Seria legal se tivesse mais torneios internos, assim a gente teria mais vontade de participar." (Miguel) - "Fazer aula em outro turno era difícil, mas eu ia." (Miguel)
Relação com o professor e organização das aulas	9 vezes	- "Nossa professora não é tão legal ter aula com ela, aí geralmente a gente não tem tanta vontade de ter e de ficar na aula mesmo." (Lara) - "A professora, por mais que seja, que dê as aulas que ela dá na sala, mas não é a mesma coisa." (Lara) - "Ela sempre não consegue explicar direito o esporte que a gente vai fazer,

		a luta, praticamente isso." (Lara) - "Tem vezes que sim, tem vezes que ela deixa livre." (Lara) - "Depende muito do professor, alguns fazem a gente gostar mais da aula." (Isac) - "Se o professor anima, a gente acaba se animando junto." (Miguel) - "Teve um professor que eu gostava mais, porque ele sabia motivar a turma." (Miguel) - "Quando o professor dá muita teórica, ninguém quer prestar atenção." (Isac) - "Eu acho que às vezes falta mais planejamento na aula, porque tem dia que parece que o professor improvisa e a gente só joga bola." (Kely) - "Ah, o professor sempre queria que a gente jogasse futebol, mas eu não gosto muito." (Isac) - "Eu acho que o professor meio que já espera que todo mundo vá jogar e gostar de esporte, só que não é assim." (Miguel) - "Ah, ele não entendia que a gente já estava cansado de manhã e queria fazer algo mais leve. Só colocava jogo direto." (Kely) - "Os professores mais antigos não variavam tanto as atividades. A gente ficava preso no mesmo esporte sempre." (Lara)
--	--	--

ANEXOS

Anexo A

Termo de Concordância da Instituição Coparticipante

Pesquisadora Responsável: Soraya Dayanna Dayanna Guimarães

Título da Pesquisa: DESIGUALDADE SOCIAL E DIVERSIDADE HUMANA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Instituição Coparticipante:

Declaro ter ciência do Projeto de Pesquisa acima citado e concordar com a sua realização, em nossa instituição, em consonância com as resoluções 466/2012, 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS) e suas complementares.

Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como instituição coparticipante do projeto de pesquisa, assim como do compromisso no sigilo dos dados referentes à pesquisa e do resguardo da segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa, dispondo de infraestrutura necessária para tal.

Da mesma forma, estamos cientes que os pesquisadores somente poderão iniciar a pesquisa pretendida após encaminharem, a esta instituição, uma via do parecer de aprovação da pesquisa expedido pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas.

Cidade, de 2024

Assinatura

Nome, Função/Cargo e Carimbo do(a) responsável legal pela Instituição
Coparticipante

Anexo B

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS A.C. SIMÕES – AV. LOURIVAL MELO MOTA, S/N
CEP: 57072-970, CIDADE UNIVERSITÁRIA – MACEIÓ – AL
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (para responsável legal pelo menor de 18 anos)

Solicitamos a sua autorização para convidar o(a) seu(a) filho(a) _____ {ou menor que está sob sua responsabilidade} para participar, como voluntário(a), da pesquisa **DESIGUALDADE SOCIAL E DIVERSIDADE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**. Esta pesquisa é da responsabilidade da pesquisadora Soraya Dayanna Guimarães Santos, Instituto de Educação Física e Esporte/ Campus A C Simões/ Tabuleiro dos Martins, telefone para contato: (82) 999890904. Também participam desta pesquisa os pesquisadores: Jilvania Santana dos Santos, telefones para contato: (75) 992641646 e Thais de Vasconcelos Bispo, telefones para contato: (82) 996303450 está sob a orientação de: Soraya Dayanna Guimarães Santos Telefone: (82) 999890904, e-mail sol.dayanna@gmail.com.

O(a) senhor(a) será esclarecido(a) sobre qualquer dúvida a respeito da participação dele(a) na pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e o(a) senhor(a) concordar que o(a) menor faça parte do estudo, pedimos que rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias.

Uma via deste registro de consentimento lhe será entregue e a outra ficará com o pesquisador responsável. O(a) senhor(a) estará livre para decidir que ele(a) participe ou não desta pesquisa. Caso não aceite que ele(a) participe, não haverá nenhum problema, pois desistir que seu filho(a) (ou menor que está sob sua responsabilidade) participe é um direito seu. Caso não concorde, não haverá penalização para ele(a), bem como será possível retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, também sem nenhuma penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

1. O estudo objetiva compreender como a condição juvenil dos estudantes do Ensino Médio, a partir da perspectiva dos marcadores sociais da diferença e suas inúmeras intersecções, afeta o processo de participação nas aulas de Educação Física escolar, contribuindo para a ocorrência do fenômeno de evasão.
2. A importância deste estudo é dar voz aos/às estudantes para entender os diversos fatores que contribuem para o afastamento nas aulas de Educação Física e suas possíveis relações com as desigualdades sociais, a condição juvenil e a diversidade humana, de modo a conhecer as suas histórias, necessidades e vivências, os quais podem contribuir para melhoria da interação e participação no cotidiano das aulas.
3. Os resultados que se desejam alcançar são os seguintes: Apontar os diferentes marcadores sociais da diferença que impossibilitam a participação de todos os estudantes nas aulas de Educação Física e seus impactos no processo de ensino e aprendizagem na Educação Básica. Espera-se que os resultados deste estudo

contribuam para a sensibilização de professores(as) de Educação Física, e consequentemente enriquecimento no planejamento pedagógico e sistematização das aulas, de forma inclusiva. Espera-se que esses planejamentos possam adotar uma metodologia de ensino bem direcionada ao público estudado, promovendo maior participação nas aulas.

4. A produção de dados começará em julho de 2024 e terminará em setembro de 2024.

5. O estudo será feito da seguinte maneira: Na primeira etapa serão aplicados questionários, realizados através da plataforma GoogleForms, na segunda etapa serão realizadas entrevistas sobre história de vida, acompanhadas de gravações de áudio capturados através de smartphones e notebook e que serão previamente autorizadas pelos participantes, preservando a identidade deles. O convite para os estudantes será realizado na sala de aula e a lista dos/as estudantes de cada turma serão obtidas através do sistema online das duas redes estaduais de ensino, o acesso ao sistema será realizado pelo login e senha de cada pesquisadora na sua rede de ensino.

6. A participação do(a) seu(a) filho(a) (ou menor que está sob sua responsabilidade) acontecerá nas seguintes etapas: Produção de dados através dos questionários e entrevistas sobre história de vida.

7. Os incômodos e possíveis riscos à sua saúde física e/ou mental são:

Os possíveis riscos relacionados ao uso de questionários digitais são: invasão de privacidade, responder a questões sensíveis, tais como, gênero, violência, sexualidade, tomar o tempo do sujeito ao responder ao questionário/entrevista, e impossibilidade de exclusão dos dados da pesquisa durante o processo de registro/consentimento. É importante frisar que nesse processo há um risco inerente a qualquer acesso à internet; asseguramos que informações não fornecidas pelo participante (por exemplo, IP) não serão acessadas pelo pesquisador. Os possíveis incômodos que possam aparecer no momento das entrevistas são: constrangimento, timidez, mal-estar que tendem a desaparecer com o desenvolvimento dela. Medidas, providências e cautelas que podem ser adotadas frente aos riscos: é assegurado aos(as) participantes escolher ou não participar da pesquisa, ou desistir de continuar a qualquer momento, esclarecemos que eles não serão prejudicados pela não participação. É assegurado aos estudantes deixar de responder qualquer pergunta do questionário e/ou da entrevista que o deixe desconfortável. Informamos que os dados coletados nesta pesquisa serão divulgados e discutidos de forma geral na comunidade acadêmica, mantendo o sigilo dos participantes. O anonimato sobre as informações dos participantes será assegurado pelo uso de nomes fictícios. Ressaltamos que apenas os membros do grupo de pesquisa do qual as pesquisadoras fazem parte, GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO FÍSICA E DIVERSIDADE, poderão ter acesso aos áudios ou qualquer outro material coletado da pesquisa. Todo material produzido ficará sob nossa guarda por um período de 5 anos após o fim do projeto e depois desse período será descartado. Para isso utilizaremos o recurso tecnológico de armazenamento (HD externo) com a finalidade de garantir maior segurança para o material coletado. Caso ocorra quebra no sigilo, os dados serão descartados. Em caso de interrupção da pesquisa, você e o participante serão

informados/as sobre os motivos que a ocasionaram e caso seja necessário, em qualquer momento, será garantido ao participante assistência adequada.

8. Os benefícios esperados com a participação do(a) seu(a) filho(a) (ou menor que está sob sua responsabilidade) no projeto de pesquisa será oportunizá-lo/a a falar sobre seus anseios em relação às aulas de Educação Física, de forma que, planejamentos futuros reflitam de forma mais efetiva a partir das preferências dele/a.

9. Caso seja necessário, as pesquisadoras prestarão assistência imediata, gratuita e integral aos(as) participantes do estudo, pelo tempo que for necessário.

10. O(a) seu(a) filho(a) (ou menor que está sob sua responsabilidade) será informado(a) dos resultados do projeto e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.

11. A qualquer momento, o(a) seu(a) filho(a) (ou menor que está sob sua responsabilidade) poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, poderá retirar seu consentimento, sem que isso traga qualquer penalidade ou prejuízo para ele(a).

12. As informações conseguidas através da participação do(a) seu(a) filho(a) (ou menor que está sob sua responsabilidade) não permitirão a identificação da dele(a), exceto para a equipe de pesquisa. A divulgação das mencionadas informações só será feita entre as responsáveis dessa pesquisa após a sua autorização. Todas as informações desta pesquisa são confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos(as) voluntários(as), sendo assegurado o sigilo sobre a participação do(a) participante.

13. O estudo não acarretará nenhuma despesa para você ou para seu(a) filho(a) (ou menor que está sob sua responsabilidade). Se houver necessidade, as despesas para a participação nesta pesquisa serão assumidas pelas pesquisadoras (ressarcimento com transporte e alimentação).

14. Em havendo algum dano decorrente da pesquisa, o(a) participante terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510/2016, Artigo 19).

15. Você receberá uma via do Registro de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por todos/as.

16. Se você tiver dúvidas sobre os direitos do seu(a) filho(a) (ou menor que está sob sua responsabilidade) como participante da pesquisa, você pode contatar o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UFAL, pelo telefone: (82) 3214-1041. O CEP trata-se de um grupo de indivíduos com conhecimento científico que realizam a revisão ética inicial e contínua do estudo de pesquisa para mantê-lo(a) seguro(a) e proteger seus direitos. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. Este papel está baseado nas diretrizes éticas brasileiras (Res. CNS 466/12, CNS 510/16 e complementares)."

CONSENTIMENTO DO/A RESPONSÁVEL PARA A PARTICIPAÇÃO DO/A VOLUNTÁRIO MENOR DE IDADE

Eu, _____, CPF _____, abaixo assinado, responsável por _____, autorizo a sua participação no estudo DESIGUALDADE SOCIAL E DIVERSIDADE HUMANA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA, como voluntário(a). Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo(a) pesquisador(a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação dele(a). Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade (ou interrupção de seu acompanhamento/ assistência/ tratamento) para mim ou para o(a) menor em questão.

Endereço da equipe da pesquisa:
Instituição: Instituto de Educação
Física e Esporte / IEFE
Prof. Titular: Soraya Dayanna
Guimarães Santos
Endereço: Campus A C Simões
Complemento: Tabuleiro dos
Martins
Cidade/CEP: Maceió/Al
Telefone: (82) 999890904

Contato de urgência:
Endereço: Campus A C Simões
Complemento: Tabuleiro dos
Martins
Cidade/CEP: Maceió/Al
Telefone: (82) 991173843
Ponto de referência:

ATENÇÃO: O Comitê de Ética da UFAL analisou e aprovou este projeto de pesquisa. Para obter mais informações a respeito deste projeto de pesquisa, informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas
Prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC), Térreo, Campus A. C. Simões,
Cidade Universitária
Telefone: 3214-1041 – Horário de Atendimento: das 8:00 as 12:00hs.
E-mail: cep@ufal.br

Cidade, de de 2024

Assinatura ou impressão datiloscópica
do(a) responsável legal e rubricar as
demais folhas

Nome e Assinatura do Pesquisador
pelo estudo (Rubricar as demais
páginas)

Anexo C

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS A.C. SIMÕES – AV. LOURIVAL MELO MOTA, S/N
CEP: 57072-970, CIDADE UNIVERSITÁRIA – MACEIÓ – AL

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

REGISTRO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (para menores de 14 a 17 anos)

Convidamos você _____, após autorização dos seus pais [ou dos responsáveis legais] para participar como voluntário(a) da pesquisa: DESIGUALDADE SOCIAL E DIVERSIDADE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Esta pesquisa é da responsabilidade da pesquisadora Soraya Dayanna Guimarães Santos, Instituto de Educação Física e Esporte/ Campus A C Simões/ Tabuleiro dos Martins, telefone para contato: (82) 999890904. Também participam desta pesquisa os pesquisadores: Jilvania Santana dos Santos, telefones para contato: (75) 992641646 e Thais de Vasconcelos Bispo, telefones para contato: (82) 996303450 está sob a orientação de: Soraya Dayanna Guimarães Santos, telefone: (82) 999890904, e-mail sol.dayanna@gmail.com.

Você será esclarecido(a) sobre qualquer dúvida com a responsável por esta pesquisa. Após todos os esclarecimentos dados e a sua concordância com a realização do estudo, pedimos que rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma via deste termo lhe será entregue para que seus responsáveis possam guardá-la e a outra ficará com a pesquisadora responsável.

Você estará livre para decidir participar ou recusar-se. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu. Para participar deste estudo, um(a) responsável por você deverá autorizar e assinar um Registro de Consentimento, podendo retirar esse consentimento ou interromper a sua participação em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

1. O estudo objetiva compreender como a condição juvenil dos estudantes do Ensino Médio, a partir da perspectiva dos marcadores sociais da diferença e suas inúmeras intersecções, afeta o processo de participação nas aulas de Educação Física escolar, contribuindo para a ocorrência do fenômeno de evasão.
2. A importância deste estudo é dar voz aos estudantes para entender os diversos fatores que contribuem para o afastamento nas aulas de Educação Física e suas possíveis relações com as desigualdades sociais, a condição juvenil e a diversidade humana, de modo a conhecer as suas histórias, necessidades e vivências, os quais podem contribuir para melhoria da interação e participação no cotidiano das aulas.
3. Os resultados que se desejam alcançar são os seguintes: Apontar os diferentes marcadores sociais da diferença que impossibilitam a participação de todos os estudantes nas aulas de Educação Física e seus impactos no processo de ensino e aprendizagem na Educação Básica. Espera-se que os resultados deste estudo contribuam para a sensibilização de Professores de Educação Física, e

consequentemente enriquecimento no planejamento pedagógico e sistematização das aulas, de forma inclusiva. Espera-se que esses planejamentos possam adotar uma metodologia de ensino bem direcionada ao público estudado, promovendo maior participação nas aulas.

4. A produção de dados começará em julho de 2024 e terminará em setembro de 2024.

5. O estudo será feito da seguinte maneira: Na primeira etapa serão aplicados questionários realizados através da plataforma GoogleForms, na segunda etapa serão realizadas entrevistas sobre história de vida, acompanhadas de gravações de áudios, capturadas através de smartphones e notebook e que serão previamente autorizadas pelos participantes, preservando a identidade deles. O convite para os estudantes será realizado na sala de aula e a lista dos/as estudantes de cada turma serão obtidas através do sistema online das duas redes estaduais de ensino, o acesso ao sistema será realizado pelo login e senha de casa pesquisadora na sua rede de ensino.

6. A sua participação acontecerá nas seguintes etapas: Produção de dados através dos questionários e entrevistas sobre história de vida.

7. Os incômodos e possíveis riscos à sua saúde física e/ou mental são:

Os possíveis riscos relacionados ao uso de questionários digitais são: invasão de privacidade, responder a questões sensíveis, tais como, gênero, violência, sexualidade, tomar o tempo do sujeito ao responder ao questionário/entrevista, e impossibilidade de exclusão dos dados da pesquisa durante o processo de registro/consentimento. É importante frisar que nesse processo há um risco inerente a qualquer acesso à internet; asseguramos que informações não fornecidas pelo participante (por exemplo, IP) não serão acessadas pelo pesquisador. Os possíveis incômodos que possam aparecer no momento das entrevistas são: constrangimento, timidez, mal-estar que tendem a desaparecer com o desenvolvimento dela. Medidas, providências e cautelas que podem ser adotadas frente aos riscos: é assegurado aos(as) participantes escolher ou não participar da pesquisa, ou desistir de continuar a qualquer momento, esclarecemos que eles não serão prejudicados pela não participação. É assegurado aos estudantes deixar de responder qualquer pergunta do questionário e/ou da entrevista que o deixe desconfortável. Informamos que os dados coletados nesta pesquisa serão divulgados e discutidos de forma geral na comunidade acadêmica, mantendo o sigilo dos participantes. O anonimato sobre as informações dos participantes será assegurado pelo uso de nomes fictícios. Ressaltamos que apenas os membros do grupo de pesquisa do qual as pesquisadoras fazem parte, GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO FÍSICA E DIVERSIDADE, poderão ter acesso aos áudios ou qualquer outro material coletado da pesquisa. Todo material produzido ficará sob nossa guarda por um período de 5 anos após o fim do projeto e depois desse período será descartado. Para isso utilizaremos o recurso tecnológico de armazenamento (HD externo) com a finalidade de garantir maior segurança para o material coletado. Caso ocorra quebra no sigilo, os dados serão descartados. Em caso de interrupção da pesquisa, você será informado/a sobre os motivos que a ocasionaram e caso seja necessário, em qualquer momento, será garantido ao participante assistência adequada.

8. Os benefícios esperados com a sua participação no projeto de pesquisa será oportunizá-lo(a) a falar sobre seus anseios em relação às aulas de Educação Física, de forma que, planejamentos futuros reflitam de forma mais efetiva a partir das suas preferências.
9. Caso seja necessário, as pesquisadoras prestarão assistência imediata, gratuita e integral aos(as) participantes do estudo, pelo tempo que for necessário.
10. Você será informado(a) dos resultados do projeto e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.
11. A qualquer momento, você poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, poderá retirar seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.
12. As informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto para a equipe de pesquisa. A divulgação das mencionadas informações só será feita entre as responsáveis dessa pesquisa após a sua autorização. Todas as informações desta pesquisa são confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos(as) voluntários(as), sendo assegurado o sigilo sobre a participação do(a) participante.
13. Nem você e nem seu(a) acompanhante (ou responsável legal) pagarão nada para você participar desta pesquisa, também não receberão nenhum pagamento para a sua participação, pois é voluntária. Se houver necessidade, as despesas para a participação nesta pesquisa serão assumidas pelas pesquisadoras (ressarcimento com transporte e alimentação).
14. Em havendo algum dano decorrente da pesquisa, o(a) participante e o(a) responsável legal terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510/2016, Artigo 19).
15. Você receberá uma via do Registro de Assentimento Livre e Esclarecido assinado por todos/as.
16. Se você ou o(a) responsável legal tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, você pode contatar o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UFAL, pelo telefone: (82) 3214-1041. O CEP trata-se de um grupo de indivíduos com conhecimento científico que realizam a revisão ética inicial e contínua do estudo de pesquisa para mantê-lo(a) seguro(a) e proteger seus direitos. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. Este papel está baseado nas diretrizes éticas brasileiras (Res. CNS 466/12, CNS 510/16 e complementares)."

Anexo D

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
ALAGOAS - UFAL



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Desigualdade social e diversidade humana nas aulas de Educação Física

Pesquisador: Soraya Dayanna Guimarães Santos

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 77218423.0.0000.5013

Instituição Proponente: Instituto de Educação Física e Esporte

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.947.310

Apresentação do Projeto:

A pesquisa intitulada DESIGUALDADE SOCIAL E DIVERSIDADE HUMANA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA, pretende responder como a condição juvenil, as desigualdades sociais e a diversidade humana afetam o processo de participação nas aulas de Educação Física dos estudantes do Ensino Médio. A importância deste estudo é dar voz ao estudante para entender os diversos fatores que contribuem para o afastamento nas

aulas de Educação Física e suas possíveis relações com as desigualdades sociais, a condição juvenil e a diversidade humana, de modo a conhecer as suas histórias, necessidades e vivências, os quais podem contribuir para melhoria da interação e participação no cotidiano das aulas. O estudo objetiva discutir como a condição juvenil dos estudantes do Ensino Médio, as desigualdades sociais e a diversidade afetam o processo de participação nas aulas de Educação Física escolar. Nesse estudo utilizaremos a pesquisa qualitativa explicativa do tipo estudo de caso. A pesquisa será desenvolvida em duas escolas da rede pública estadual de Alagoas e Bahia, com estudantes do Ensino Médio. Para coleta de dados serão utilizados questionários e entrevistas e a análise de dados será realizada a luz dos pressupostos de Bardin. Os resultados que se desejam alcançar são os seguintes: Apontar os diferentes marcadores sociais da diferença que impossibilitam a participação de todos os estudantes nas aulas de Educação Física e seus impactos no processo de ensino e aprendizagem na Educação Básica. Espera-se que os resultados deste estudo contribuam para a sensibilização de

Endereço: Av. Longitudinal UFAL 1, nº1444, térreo do prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC) entre o
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 57.072-900
UF: AL **Município:** MACEIO
Telefone: (82)3214-1041 **E-mail:** cep@ufal.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
ALAGOAS - UFAL



Continuação do Parecer: 6.947.310

- TCLE_RESPONSAVEIS.pdf
- ORCAMENTO.pdf
- TALE.pdf

Recomendações:

Nada a declarar

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Título da Pesquisa: Desigualdade social e diversidade humana nas aulas de Educação Física

Pesquisador Responsável: Soraya Dayanna Guimarães Santos

Relator: Após a análise ética do projeto o mesmo foi classificado com APROVADO

As alterações realizadas no projeto sanaram as pendência declaradas pela relatoria.

Considerações Finais a critério do CEP:

Protocolo Aprovado

Prezado (a) Pesquisador (a), lembre-se que, segundo a Res. CNS 466/12 e sua complementar 510/2016:

O participante da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado e deve receber cópia do TCLE, na íntegra, assinado e rubricado pelo (a) pesquisador (a) e pelo (a) participante, a não ser em estudo com autorização de declínio;

V.S^a. deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade por este CEP, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa que requeiram ação imediata;

O CEP deve ser imediatamente informado de todos os fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo. É responsabilidade do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas a evento adverso ocorrido e enviar notificação a este CEP e, em casos pertinentes, à ANVISA;

Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial;

Endereço: Av. Longitudinal UFAL 1, nº1444, térreo do prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC) entre o
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 57.072-900
UF: AL **Município:** MACEIO
Telefone: (82)3214-1041 **E-mail:** cep@ufal.br